





# CONSCIÊNCIA

UM PERCURSO SINGULAR

Prefácio  
Prof. Doutor Vítor Rodrigues



JOSÉ ANTUNES

# CONSCIÊNCIA

UM PERCURSO SINGULAR

Prefácio

Prof. Doutor Vítor Rodrigues

 COPY

PORTO | 2007

FICHA TÉCNICA

AUTOR José Antunes  
TÍTULO Consciência  
SUBTÍTULO Um percurso singular  
ARRANJO GRÁFICO Paulo Ribeiro  
COLECÇÃO Prometeu 8  
DEPÓSITO LEGAL 260371/07  
ISBN 978-989-8080-17-2  
LOCAL Porto  
DATA 2007

EDIÇÕES ECOPY

Rua de J. J. Ribeiro Teles, 323, 1º, Sala J

4445-485 ÈRMESINDE

edicoes.ecopy@macalfa.pt

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO — Biblioteca Nacional

---

ANTUNES, José, 1962-

Consciência : um percurso singular. – (Prometeu ; 8)

ISBN 978-989-8080-17-2

CDU 159.9

13

*Monografia realizada no âmbito do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Consciência, orientada pelo Professor Doutor Vítor Rodrigues, na Universidade Autónoma de Lisboa em 2006.*





A Deus, à minha mãe e ao Prof. Doutor Vítor Rodrigues  
pela colaboração e apoio



## *Sumário*

Prefácio	
A Consciência Singular de José Antunes	13
Abstract	15
Introdução	17
Viver ou Sobreviver?	21
A Realidade da Normalidade	25
Consciência, Alma e Espírito. Os Corpos Etérico e Astral	27
Nível Evolutivo da Consciência, Percepção e Realidade	31
Nível Evolutivo e Estados Modificados de Consciência (EMC)	37
Mente, Cérebro e Consciência	39
Registos Traumáticos, Ego e a TIT	43
TIT, TRVC e os Registos Traumáticos	49
A Consciência Quântica e a Energia Escalar	55
Sincronicidade e os Fenómenos Psi	67
Utilizando a Inteligência Espiritual	73
Um Novo Sentido de Vida. O Mensageiro, a Mensagem e o Serviço	79
Conclusão	85
Referências Bibliográficas	89
Índice Onomástico	95



## *Prefácio*

### *A Consciência Singular de José Antunes*

Foi-me pedido que prefaciasse a obra de José Antunes que agora vem a público e estou a fazê-lo com um prazer muito especial porque a obra o merece tanto quanto o autor. O construtivo estímulo subjacente à escrita foi, em ampla medida, o desejo de partilha – de uma experiência pessoal e, logo, de um percurso vivencial e intelectual. Falemos, pois, do fruto que ele produziu.

José Antunes trabalhou para compreender com profundidade e rigor uma experiência pessoal e, ao fazê-lo, universalizou-a ao encontrar nela os ecos da experiência e do percurso de cada um de nós pela vida. Tornou-a partilhável ao escrever com cuidado e sem complexidade excessiva. Dessa busca e desse trabalho poderá agora beneficiar o leitor uma vez que, lendo, encontrará uma reflexão profunda e bem fundamentada numa série de referências a autores de qualidade. Esta reflexão engloba áreas de fronteira que ainda levantam muitas objecções e franzem muitos sobrolhos no mundo científico mas ao mesmo tempo – suspeito eu – talvez constituam os cadinhos em que já está a nascer a ciência do futuro: mais aberta, mais englobante e mais articulada com o conhecimento do psiquismo humano e, talvez, do psiquismo em toda a parte. Assim,

este livro é um percurso pelo pensamento mas também por uma série de referências importantes, num cruzamento de informações que vão contribuindo para a explicitação do que talvez sejam os seres humanos e, ao mesmo tempo, daquilo em que talvez possam tornar-se ao realizar o seu potencial. Ao longo deste percurso, o autor procura – e consegue – relacionar temas como a relação possível da mente e da consciência humana com o cérebro, do cérebro e da mente com os nossos registos mnésicos, da consciência e da mente com a energia e com os domínios da fenomenologia paranormal. Consegue igualmente evidenciar de que modo um ser humano pode evoluir para se tornar melhor pessoa ou, talvez com mais propriedade, uma alma mais consciente de si mesma e do seu possível lugar no esquema alargado das coisas.

Recomendo vivamente este texto onde aparece condensado em curto espaço todo um manancial de pesquisas e reflexões de muitos autores graças às qualidades e ao cuidado de José Antunes que lhes soma a sua perspectiva de conjunto, sem dúvida alicerçada em experiência pessoal. Isso não pode, aliás, deixar de nos recordar Camões: “doutos varões darão razões subidas mas o meu saber é de experiência feito”. Quando, como na presente obra, o saber “de experiência feito” se une a “razões subidas”, não podemos senão saudar um excelente resultado.

Évora, 23 de Abril de 2007

Prof. Doutor Vítor José F. Rodrigues

## *Abstract*

Será que todas as consciências se acomodam, limitando-se a sobreviver ou muitas procuram ser íntegras lutando para viver? Esta obra trata da vivência de uma consciência personificada, com um percurso singular, procurando ultrapassar preconceitos e mitos, objectivando a sua iluminação. Durante este processo, que para Jung tem a designação de individuação, é apresentada a natureza da consciência; suas manifestações; sua relação com mente e cérebro; como ela constrói a realidade, limitada pelo seu nível evolutivo. O porquê do ego e acontecimentos traumáticos impedirem a sua evolução ou progressão espiritual. A relação da consciência com os fenómenos Psi (referentes às frequências cerebrais que identificam os diferentes acontecimentos paranormais), segundo a teoria quântica e energia escalar.

Sem jogos egóicos e livre de amarras traumáticas, a consciência poderá receber informação, alguns sinais e orientação sincrónica possivelmente complementada por fenómenos Psi que, por utilização da inteligência espiritual, poderão perspectivar um novo sentido de vida. Finalmente o Serviço, a dedicação à Humanidade por amor e compaixão, tem a sua recompensa na alegria, felicidade e sensação do dever cumprido em nada comparável.

*Palavras-Chave: viver, normose, alma, etérico, astral, evolutivo, realidade, EMC, mente, cérebro, consciência, ego, traumas, quântica, escalar, paranormal, espiritual, sincronicidade, inteligência, serviço.*





## *Introdução*

Pretende-se com esta obra, fazer uma apresentação sobre a natureza da consciência, suas características e como se manifesta. É também objectivo fornecer uma visão sobre como consciência, mente e cérebro se relacionam. Porém, e fundamentalmente, existe o propósito de contribuir definitivamente para o auto-conhecimento, apontando um caminho por etapas, rumo à auto-descoberta da nossa natureza espiritual, cósmica. Finalmente, ao ser abordado o tema da nossa natureza cósmica e relacionando-o com a nossa condição humana, seria frutuoso se esta perspectiva aqui apresentada contribuísse para a melhoria do relacionamento humano tanto intra como interpessoal e, deste, com o meio ambiente.

Nossa condição humana intrafísica poderá actuar em concórdância com a nossa condição espiritual, cósmica. Duas realidades diferentes porém complementares que, se reunidas e actuando em conjunto, trarão paz e harmonia a todos nós. Esta condição noética ou numinosa (Jung), alcançada por alguns de nós, permite lidar de forma integrada e simultânea com a nossa natureza animal e espiritual. “Um dia, nós, o Céu e a Terra andaremos de mãos dadas” (wishful thinking). Um propósito, objectivando um processo transpessoal de longo prazo a alcançar! Saliendo a respeito, Vera Saldanha (1997) refere que a proposta da psicologia transpessoal

é a de permitir que, do homem velho que agoniza e sofre, possa renascer o homem novo que conquista a vivência da unidade cósmica, sentindo que ele é parte dessa unidade e que essa unidade está presente nele, apercebendo-se da interdependência holística entre todas as coisas e seres do Universo.

De forma eloquente, excertos de Brian Weiss (2001) servem de sustentação para o próximo objectivo a atingir, esclarecendo algumas questões. Refere ele que importa recordar que somos almas e, por isso, literalmente imortais. Fazemos parte, existimos num vasto oceano de energia, efectuando uma longa viagem evolutiva em direcção à consciência de nosso Criador. Acrescenta ele que, como almas, não nos encontramos em competição tendo, cada um de nós, o seu caminho a seguir. Não há nenhuma corrida, apenas uma viagem em grupo, em cooperação e em direcção à luz da consciência.

Refere Weiss (2001) que: “As almas mais evoluídas voltam para trás com amor e compaixão para ajudar todos os que ficam para trás.” (p. 110) Um forte sentimento, fonte de inspiração e condição primeira que alicerçou a presente obra. No mesmo sentido, a próxima citação encontra semelhanças com as vivências do autor, ressoando com o seu mito pessoal do guerreiro, circunstâncias que verdadeiramente impulsionaram a escrita da presente obra. Joseph Campbell (citado por Rebillot, 2001): “Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retoma de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.” (p. 225)

A escrita desta obra prende-se, precisamente, com o objetivo de trazer benefícios aos seus semelhantes. O autor, por amor e compaixão pela Humanidade, sente como seu dever contribuir desta forma para o despertar da espiritualidade em cada um de nós, dedicando o seu trabalho por devoção ao nosso Criador.

**Edições Ecopy**



### *Viver ou Sobreviver?*

Se viver fosse sinónimo de existir, nada seria problemático. Tudo aconteceria de forma cíclica, sequencial, dinamicamente previsível. Existir é apenas sinónimo de manifestação de vida (Crema, 1998). O reino vegetal é exemplo disso. Viver pressupõe, além da lucidez de existir, de estar vivo, uma vivência integral: um auto-conhecimento das condições somática, emocional, mental, espiritual e seu respectivo entrosamento dinâmico.

Ao transcender a realidade relativa do mundo físico, adquire-se abertura a potenciais outras realidades, tais como as de nível emocional e, mais além, até aos lampejos da realidade absoluta (Sabetti, 1991). Nesta condição, é possível o contacto com o supraconsciente: local de intuição e energia espiritual, onde se experimenta um sentimento de ligação com a nossa essência ou “Eu Superior” (Assagioli, citado por Machado, 2006). Uma dimensão transpessoal de onde se obtém informação extra-sensorial como orientação espiritual. Quem vive, conhece-se de corpo e alma. Sabe que a sua saúde depende essencialmente do seu equilíbrio bioenergético promovendo a homeostasis do seu sistema corporal ou somático. Mental e fisicamente sabe como se auto-regular. Tendo já desperto a sua consciência, conhece-se como ser espiritual e, por isso, sabe de sua natureza cósmica. É uma consciência noética em sua condição de

ser humano. Graf Durkheim (citado por Crema R., 1998) refere-se ao ser que, atingindo a dimensão noética, consegue que a sua essência se manifeste na existência. Como resultado, o ser noético é igual a si mesmo; íntegro: o que pensa coincide com o que é; o que fala coincide com o que pensa e o que faz coincide com o que fala.

Sobreviver psicologicamente significa que ainda se permanece numa teia, preso a jogos emotivos de personalidade. Um jogo de máscaras “persona” (Jung) que não conduz senão à desilusão, desespero e perda de tempo. É condição evolutiva primária e exemplo de não vivência. A individualidade é ainda questão não resolvida; por isso paira, virtualmente, uma constante ameaça psicológica. Sendo seres emocionalmente instáveis, falha a componente mental. Viciados em emoções, a procura incessante é igualar o mais alto grau emocional até então experimentado, numa tentativa ilusória de conquista de “felicidade”. Neste estágio, o mito da felicidade é expressão da vivência da intensidade do maior pico emocional, até então, experimentado. Restringidos a modelos padronizados de emoções, dependem de outrem para a satisfação de carências emocionais. Os outros são o limite. A respeito, Waldo Vieira (1996), médico, refere-se à sociedade humana como muito doente: “Vivemos em uma enfermaria imensa, de grandes proporções.” (p. 11). Continuando, refere-se a milhões de pessoas ainda sendo escravas das opiniões dos outros, não pensando por si mesmas. Desta situação resulta terem de lidar com o que é instável, temporal e ilusório, procurando tirar vantagem. Não é possível controlar uma variável que é exterior, apesar de estatisticamente previsível. Significa então que nestas circunstâncias, além duma tentativa falhada de controlo

interpessoal, as pessoas dependem umas das outras na esperança ilusória de alcançar o seu conceito de felicidade.

O que acontece quando, vivendo sob este mito pessoal, sob esta construção de felicidade, intensas expectativas são inesperadamente interrompidas? Sofre-se, mas acima de tudo fica-se prisioneiro de registos de memória no espaço e no tempo. Estados emocionais fortes retêm imagens holográficas que, se negativas, impedem a vivência de acontecimentos posteriores. Em 2001 Amit Goswami, físico quântico, faz referência à mente construindo um “imprint”, uma cópia do cérebro, ficando esta apegada a esse registo. Momentos não correctamente processados, contendo alguns estados emotivos complexos, vão-se alojar no inconsciente. A cada estímulo similar ao da memória holográfica retida, a pessoa é a ela sistematicamente reconduzida.

Vera Saldanha (2003), psicóloga, refere holografia como um processo óptico de gravar imagens que, por acção de laser, permite obter uma imagem gravada tridimensionalmente (holograma). Um holograma é a reprodução virtual de um objecto por acção laser. Para Karl Pribram (citado por Di Biase, 1995), neurocirurgião, a informação captada pelo cérebro distribui-se de forma análoga ao processo holográfico. Sendo este característico do processamento de informação no cérebro, o holograma constitui um sistema físico que serve de base à retenção de memória.

No heterogéneo processo evolutivo da consciência a que se está sujeito, cada qual percepçiona e dá significado de forma diversa ao universo em seu redor. “(...) O cérebro é um holograma interpretando um universo holográfico.” (Ferguson, citado por Di

Biase, 1995, p. 51). Mediante o seu estágio ou grau de maturação, escolhas e opções vão construindo realidades próprias que somente poderão ser partilhadas por quem as cria de igual forma. Assim, o nível evolutivo da consciência atingido baliza a perspectiva e o alcance perceptivo a que cada um tem acesso na criação da sua própria realidade: “nossos cérebros constroem matematicamente a realidade ‘concreta’ (...)” (Ferguson, citado por Di Biase, 1995, p. 51). Desta forma, parece claro que quem vive suplantou desvios de personalidade e questões emocionais que ainda perturbam quem luta pela sua sobrevivência psicológica.

A dissolução da carga emocional negativa retida nos registos traumáticos do inconsciente e a posterior racionalização das emoções, em psicoterapia regressiva, têm aqui particular enfoque no que concerne ao seguimento de um percurso evolutivo.



## *A Realidade da Normalidade*

Quem sobrevive está habituado diariamente a conviver com uma só realidade. Centrado emocionalmente na sua pessoa, está circunscrito ao que lhe interessa e não ao que consegue perceber exteriormente através dos seus cinco limitados sentidos. Funde-se com a sua imagem espelhada. Ele é o seu corpo! Identificando-se com a sua imagem, pensa reconhecer-se como pessoa. A sua existência está circunscrita ao seu ciclo de vida biológico e a noção de transcendência é inexistente. Roberto Crema (1998), psicólogo e antropólogo, identifica este estado como de “normose”. “Normótico” é aquele que não escuta, que só pensa em si (tudo para seu exclusivo benefício), o “mundo lá fora” pertence aos outros e nada tem a ver ele. Crema afirma ser a “normose” a grande praga do nosso tempo e identifica-a como a patologia da normalidade. Diz não estarmos aqui para sermos representativamente normais, aderindo à normalidade (sinónimo de estagnação evolutiva ou espiritual), mas para realizar algo, uma semente cujo conteúdo teremos de descobrir. Por isso, “só aspira à normalidade o medíocre” (Jung, citado por Crema, 1998, p. 2).

Esta síndrome da acomodação, de querer estar incluído na normalidade, parece indicar raízes históricas. Resulta da necessidade de pertença que se mistura com a falsa percepção dum sentimen-

to colectivo protector. O desejo, o impulso de pertencer à norma ao conceito de normalidade, terá raízes profundas no inconsciente colectivo e poderá ter expressão num arquétipo. É este pacto com a estagnação que precisa ser quebrado. A vivência do mito da normalidade tem destruído a integridade da personalidade humana.

Depois de um processo de reestruturação do ego e retirado o entrave evolutivo, o véu da dependência emotiva, removendo eventuais conteúdos traumáticos, a consequente melhoria da qualidade perceptiva possibilita perceber novos elementos, obter novas perspectivas. Informação antes renegada ou ignorada é, agora, equacionada e processada. Durante este processo de abertura mental, esta nova atitude abre a possibilidade de acesso a outras realidades. O percurso para viver está agora no seu início. Um caminho espiritual, um percurso de auto-conhecimento, está pronto para ser desbravado rumo ao despertar psíquico da consciência.

## *Consciência, Alma e Espírito. Os Corpos Etérico e Astral*

Consciência ou alma. Consciência, assim referida, como espírito que foi adquirindo ganhos de alma através do seu processo reencarnativo de maturação. Ideia expressa por José M. Anacleto, presidente do Centro Lusitano de Unificação Cultural (CLUC), que considera ganhos de alma como cultura adquirida pelo espírito nas suas incursões terrenas. Brian Weiss (2005) acredita “que cada um de nós possui uma alma que continua a existir depois da morte do corpo físico e que ela regressa constantemente a outros corpos, num esforço progressivo para alcançar um plano mais elevado.” (p. 17)

Vera Saldanha (1997), psicóloga, também a propósito, diz ser de sua compreensão íntima que somos uma energia, um espírito que momentaneamente vive de forma corpórea de acordo com o planeta Terra. Somos, assim, espíritos encarnados evoluindo através de um processo desde uma unidade inconsciente até à unidade plena, desperta, transpessoal. Stephano Sabetti (1991), a respeito, refere que nós somos almas que têm corpos e não o contrário. O espírito como veículo da alma possui uma específica frequência ou vibração energética que o identifica. Alma e espírito usam o corpo humano, com a sua miríade de processos, como extensão de sua expressão terrena.

O corpo humano é vitalizado através de centros energéticos ou chacras que se situam em redor e ao longo da coluna vertebral, formando-se um corpo etérico (vital) ou holochacral que sustenta bioenergeticamente a homeostasis metabólica do organismo. Coexistindo nesta relação simbiótica dentro do corpo humano, a consciência parece exercer influência sobre a mente (fonte do pensamento, vontade e acção) e poderá gerir a influência do corpo etérico que, através da actuação dos chacras, age sobre os processos biofisiológicos de auto-regulação. “A consciência parece funcionar de modo auto-organizador, transformando o caos em ordem.” (Di Biase, 1995). A consciência dita como, onde e de que forma a sua energia deve ser empregue (Sabetti, 1991). Se projectada fora do corpo humano, a consciência transfere a sua focalização do corpo etérico para o corpo subtil seguinte: o corpo astral bioplásmico.

Em 1944, o cientista soviético V. S. Grischenko propôs a palavra “bioplasma” para designar um quinto estado da matéria (sendo “plasma” o quarto estado). O bioplasma irradia uma bioluminescência de organismos vivos. Segundo V. M. Iniuchin, é um campo de energia (biocampo), constituído por iões, electrões livres e protões livres, partículas subatómicas que, flutuando livremente e apesar de existirem independentemente de um núcleo, apresentam relativa estabilidade, embora o bioplasma possa ser influenciado por forças ambientais (Sabetti, 1991). Desta forma, o corpo astral apresentará bioluminescência devido ao seu biocampo constituído por iões, electrões livres e protões livres: partículas com carga e, no caso dos electrões e dos protões, acrescidas de movimento circular “spin”.

Referindo-se aos chacras, Gláucia Correia (2003), psiquiatra, define-os como centros de actividade receptora, assimiladora e transmissora de energia vital. Quanto à sua localização, Sabetti (1991) refere situarem-se no nível etérico de energia, relacionando-se com o sistema nervoso e endócrino. No seguimento, Karagulla (2003), referindo-se à literatura indiana, diz serem os chacras conhecidos por lótus devido à sua aparência semelhante à homónima flor e também por possuírem uma raiz que os conecta energeticamente à coluna vertebral e ao sistema nervoso. Refere ainda que os chacras etéricos devem ser vistos como vórtices girando velozmente, absorvendo energia em seus núcleos e dispersando-a ao longo da periferia de suas pétalas sob a forma de espirais progressivamente mais alargadas. Os principais chacras do corpo etérico alinham-se ao longo de um eixo vertical, paralelos à medula espinal, estendendo-se da base da coluna vertebral ao crânio. Segundo Waldo Vieira (1995), é devido a este conjunto e alinhamento dos chacras que se forma o holochakra: um invólucro vibratório, energético que envolve o corpo humano.

Karagulla (2003) refere que o corpo etérico vitaliza o corpo físico. Desenvolvendo conceitos nesta área, Robert Bruce (1999), refere-se aos processos dinâmicos de interacção dos corpos subtis (etérico e astral) com o corpo físico, identificando o comportamento da consciência neste cenário:

“The human etheric body is the subtle body most closely associated with and enmeshed within the physical body. Also often called the energy body or vitality body. The etheric body can also

be said to be essential gluelike substance that binds an incarnating spirit to the flesh of its physical body (...) It has three main aspects: bioenergetic, pure-energetic, and expanded-energetic (...) The bioenergetic aspect of the human etheric body is the underlying, supporting bioenergetic mechanism and active living template for bodily intelligence and all biological life processes. It works in line with the biological functioning of the physical body, and exists as exact bioenergetic counterpart that is firmly enmeshed with the living physical body. The pure-energetic aspect has at least seven primary energy centers [often called chakras or psychic centers] (...) The etheric body, in its energetically excited and expanded state, is a true subtle body in its own right. The main difference between it and any other subtle body – e.g., astral body – is that he is not normally capable of leaving the confines of its physical body. The etheric body appears essential for the continuance of biological life processes. I believe that the etheric body is far too dense and too firmly enmeshed within the physical body to allow a full projection of its energetic substance to occur (...) I consider the astral body to be a completely separate subtle body in its fully projected state (...) Once the center of consciousness shifts into the astral body, the physical/etheric body diverts the majority of its energies into the astral body. This fortifies the astral body, making it able to easily support a full copy of awake and thinking consciousness.” (pp. 31-32, 40-41, 538)

### *Nível Evolutivo da Consciência, Percepção e Realidade*

Nível evolutivo da consciência deve entender-se como o estágio de lucidez atingido por esta sobre as suas condições somática, emocional, mental e cósmica durante o seu processo reencarnativo. “No meio de nós andam muitas almas em diferentes níveis de desenvolvimento. Algumas já cá estiveram muitas vezes, ao passo que para outras é a primeira lição numa encarnação humana.” (Parker, 2005, p. 235)

Determinada vivência, devido a condições externas e/ou internas, poderá favorecer um Estado Modificado de Consciência (EMC), propiciando fenómenos Psi: comunicação anómala ou não-linear (Percepção Extra-Sensorial (PES) ou experiências de pico (Experiência-Fora-do-Corpo (EFC) ou, ainda, Experiência de Quase Morte (EQM)) possibilitando o despoletar de uma nova necessidade de integração: a emergência espiritual. A utilização da inteligência espiritual (Rodrigues V., 2006) irá ser a resposta a este desafio. Factores como qualidade e amplitude perceptiva, níveis de realidade em que se movimenta e o correspondente padrão vibracional atingido, ditam sobre este posicionamento. Percepção, entendida neste âmbito, corresponde àquilo que o nível evolutivo da consciência permite perceber em determinado ambiente. Adquirida amplitude perceptiva, esta é indicativa de que se integraram

diferentes realidades, revelando o nível evolutivo em que a consciência se encontra.

Cada consciência pulsa dentro de um específico padrão vibracional, vibrando a uma específica frequência, a que corresponde determinado nível evolutivo. Consoante a consciência, estão associados um ou mais níveis de realidade percebidos.

Cada ser humano, dentro do seu nível evolutivo, possui uma frequência energética única que o diferencia de todos os demais. Diferentes níveis de consciência correspondem, respectivamente, a diferentes padrões vibracionais. Quanto mais elevado o nível evolutivo de consciência, maior vibração adquire o espectro de frequências energéticas que o compõe, sendo ampliada a capacidade perceptiva. Níveis diferentes de consciência possibilitam a construção de realidades relacionadas com a existência. A aceitação de uma perspectiva de multi-realidades possibilita abertura, uma maior receptibilidade para com os outros, bem como reflecte o acesso a outros níveis de percepção. À medida que se expande a experiência de outras realidades, mais se aproxima da realidade única a partir da qual todas as realidades relativas se desenvolvem (Sabetti, 1991). A consciência reflecte o nosso grau de totalidade. Os níveis de consciência são gradações não-lineares de evolução, objectivando o nosso grau de totalidade (Sabetti, 1993). De facto, uma consciência evolui passando de uma condição de continuidade para outra, de forma não-linear. A evolução da consciência dá-se de forma contínua até se atingirem certos pontos críticos, em que os aspectos quantitativos da consciência foram aumentando de intensidade, provocando um maior grau de lucidez e que de



súbito se tornam num estado qualitativamente diferente (Sabetti, 1991). A passagem a uma frequência vibratória superior acontece de forma instantânea permanecendo-se, logo após, novamente em espaço/tempo “continuum”, porém, num estado vibracional acima: um salto quântico ocorreu! Quando acontece um salto quântico, uma partícula subatômica ou a própria consciência desaparece de sua posição original, sem percorrer o espaço intermédio, libertando energia luminosa ou fotónica, reaparecendo instantaneamente em outra dimensão; e.g. EFC. Quando intuimos (recepção de informação via extra-sensorial) ou conhecemos algo subitamente num “insight”, realizamos um salto quântico da consciência (Di Biase, 1995). Goswami (1998) estabelece analogia entre intuição e salto quântico, referindo a intuição como um salto descontínuo no pensamento sem ter de passar pelos estádios intermédios.

O estágio evolutivo alcançado pelo despertar psíquico da consciência permite conhecer, entre outros, o seu comportamento projectivo. Considerado como experiência anómala, Mário Simões, psiquiatra, em 2003 refere a propósito:

“O ‘despertar psíquico’ é caracterizado por uma acumulação espectacular de capacidades de percepção extra-sensorial [ESP] e de outras manifestações parapsicológicas [experiência-fora-do-corpo – a pessoa separa-se do seu corpo e observa-se de uma certa distância ou de cima –, fenómenos *poltergeist*, telepatia, precognição, acontecimentos de ‘sincronicidade’].” (p. 21)

Edições EcoCopy

Chegado a este patamar evolutivo da consciência, existe um complexo puzzle holoinformativo, vocábulo utilizado por Francisco Di Biase (2004) que, correctamente processado, criará uma nova realidade que irá sendo integrada. Ken Wilber (1977, citado por Veigunha, 2003): “diferentes modos de conhecer correspondem a diferentes níveis de consciência’.” (p. 250). O que significa que, a cada construção de realidade criada, corresponde determinado nível de consciência atingido. O nível de consciência delimita o grau de percepção possibilitando, apenas, recolher parte da informação. Assim, daquilo que observamos, a mente só permite perceber aquilo que perspectiva dado o seu patamar evolutivo. A mente restringe, assim, a informação que chega ao cérebro para ser processada.

“The mind provides the framework, specific knowledge and specific assumptions for the eye to see. The mind constitutes the universe that the eye then sees (...)” (Skolimowski, 2005, p. 43)

Neste sentido, qual vai ser a opção? Deixar que a realidade de outros decida por nós ou procurar, com atitude determinada, escolhas que perspectivamos serem as mais indicadas em benefício de nossa evolução? Em sociedade estaremos acomodados ou o grau de insatisfação nos impulsiona? Sabendo que é a consciência quem cria a realidade e a delimita, então, com uma postura de mente aberta a todas as possibilidades, coragem e trabalho de pesquisa, a busca pelo auto-conhecimento pode proporcionar patamares mais elevados, aumentando o grau de lucidez a respeito. Para um físico quântico, a realidade é uma construção dinâmica resultante, a cada

momento, da concretização de opções perante um universo de escolhas. Ondas de probabilidade são concretizadas a cada momento pela consciência, gerando acontecimentos no espaço e no tempo. De igual modo, estudos estatísticos resultam em realidade matemática quando, sobre eles, opções são tomadas.

**Edições Ecopy**



### *Nível Evolutivo e Estados Modificados de Consciência (EMC)*

Dois conceitos distintos mas estreitamente relacionados. O acesso a um novo estágio evolutivo de consciência poderá ser despoletado por algum dos EMC conhecidos. Kokoszka (1989, citado por Simões M., 2003) enumera quatro estados de consciência diferenciados: ordinário ou de vigília; de sono; sonho (em característico REM) e o de vigília diferenciada. Procurando elucidar sobre estes dois distintos EMC em vigília, Mário Simões (2003) define o de vigília ordinária como característico de um estado activo, com relevância na actividade mental característica do hemisfério esquerdo cerebral; a prevalência de recepção de estímulos exteriores; a pouca utilização da imaginação e um domínio da actividade mental ou física sobre a contemplativa. Relativamente ao EMC em vigília diferenciada, esclarece que neste há domínio de um estado de repouso e da recepção de estímulos de fontes corporais internas bem como de conteúdos de memória; o uso considerável da imaginação; actividade mental passiva; prevalência do estado contemplativo sobre a acção. Menciona ainda que EMC em vigília diferenciada podem ser induzidos pela prática de técnicas de relaxação como as de meditação ou de treino autógeno.

A respeito de EMC, Charles Tart, citado por Irene Ferreira (2003), afirma que um EMC constitui uma alteração qualitativa

no padrão de funcionamento mental e quem experimenta essa alteração sente a consciência funcionar de forma muito distinta do habitual.

EMC ao induzirem variações no comprimento de onda da actividade cerebral ampliam a capacidade perceptiva. A propósito, Pièrre Weil citado por Veiguiha (2003), faz notar que em cada estado de consciência percebemos a mesma realidade, porém de modo diferente. Ainda Weil, agora citado por Ferreira (2003), afirma que em cada estado de consciência nos é facultada a possibilidade de percepção de uma realidade diferenciada e que, dentro de cada um de nós, coexiste um número infindável de realidades possíveis.

Para seguidores da física quântica, como por exemplo Amit Goswami e Fred A. Wolf, em um EMC a concretização da percepção pode implicar o início da construção de uma nova realidade que irá ser delimitada pelo nível evolutivo da consciência. Dada a sua relativa e portanto limitada perspectiva, opções subjectivas de escolha serão tomadas perante um universo de possibilidades. Assim, e dependendo do nível evolutivo da consciência, um mesmo EMC pode conduzir a diferentes modos de interpretar ou processar esse estado. Também e invariavelmente, se não considerado o patamar evolutivo atingido por aquela, EMC resultam em experiências subjectivas. Para consciências em igual nível evolutivo, durante um processo de EMC, estas poderão criar uma realidade comum. Um mesmo tipo de realidade poderá ser partilhado. Um novo paradigma poderá, assim, emergir!

## *Mente, Cérebro e Consciência*

Di Biase (2004) refere o cérebro tendo a capacidade de funcionar tanto no modo holográfico não-local como no modo espaço-temporal local.

Ferguson, citado por Di Biase (1995) mencionando a teoria holográfica de Pribram, refere o cérebro como um holograma interpretando um universo holográfico. Ainda Di Biase (2004), relacionando a teoria holonómica do funcionamento cerebral de Pribram com a teoria quântico-holográfica do Universo de Bohm, refere que: “nossa mente é um subsistema de um holograma universal, acessando e interpretando este universo holográfico.” (p. 263). Sendo assim, é possível mente e cérebro relacionarem-se holograficamente. A consciência pode actuar como mediadora da interacção mente-cérebro (Goswami, 2004).

Devido às características do holograma como sistema físico capaz de servir de modelo para suporte de memória (Di Biase, 1995), talvez seja possível à mente recolher cópias de registos holográficos de informação processados pelo cérebro, i.e. adquirindo cópias cerebrais de memória.

É característica da consciência a sua não-localidade (Goswami, 1998). No entanto, devido ao local em redor do cérebro ser uma zona de concentração sensorial, talvez seja de considerar a hi-

pótese da consciência, em seu estado de vigília, estar quase sempre “colapsada” ou concretizada em seu redor. Local, este, de recepção, processamento e emissão de informação; “ponto de encontro” mente-cérebro e também de onde parece surgir a sensação de “awareness”. Um pólo privilegiado para a administração do campo holoinformacional (Di Biase) da consciência. Vítor Rodrigues (2003), psicólogo, refere-se à consciência como podendo mudar o núcleo da sua focalização.

Mente e cérebro, dois conceitos distintos porém directa e dinamicamente relacionados, como admite Amit Goswami (2000). A mente interage funcionalmente com o cérebro. Goswami (2000), referindo-se à interacção mente-cérebro, envolvendo a consciência:

“It also turns out that the mind cannot operate independently; the presence of the brain is needed for consciousness to collapse the possibility wave (...) the mind enables consciousness to see meaning, which the brain cannot process. There is no way of getting around this meaning problem without proposing a distinction between mind and brain.” (pp. 121, 152)

A consciência é tão necessária como suficiente para colapsar ou concretizar uma onda de possibilidades de uma observação. Ao observarmos algo vemos, de imediato, realidade e não a possibilidade de uma realidade. A observação é, então, condição suficiente para o colapso da possibilidade ou onda de probabilidade da realidade. A consciência surge como mediadora da interacção mente-cérebro. Ela colapsa, simultaneamente, as ondas de possibilidade



material no cérebro, bem como as ondas de possibilidade mental na mente. São obtidos resultados diferentes, porém complementares. O cérebro processa símbolos e a mente atribui-lhes sentido (Goswami, 2004). Sempre que se olha em redor, a realidade vai acontecendo (não antes!). Instante a instante, a mente, através do olhar, toca nas formas (objectos) atribuindo-lhes significado. A realidade é expressão da mente e do cérebro por intervenção da consciência. Rupert Sheldrake (2004) refere que as nossas mentes se estendem literalmente para tocar tudo o que vemos. Se numa noite olharmos as estrelas no céu, as nossas mentes se estendem literalmente por distâncias astronómicas para tocar aquilo que estamos olhando.

O processo mente-cérebro não é linear. A mente atribui sentido aos símbolos conferindo-lhes significado, sendo eles conectados emocionalmente. Por isso, o significado simbólico conduz a percepções diferenciadas. À atribuição linear de um significado é-lhe adicionada uma componente emocional. Goswami (2004) refere que mente e cérebro estão ambos conectados com os vários órgãos do corpo físico, não só através do sistema nervoso mas também através de moléculas recentemente descobertas, relacionadas com emoções. Refere ainda a importância que o corpo vital (etérico) tem neste processo, pois está relacionado com sentimentos, emoções e, naturalmente, com a consciência de quem os experimenta.

Além da mente, pensamentos também têm origem cerebral. Zohar (2004) refere que o cérebro gera e estrutura os nossos pensamentos.

Cérebro é também um órgão electrobioquímico onde é processada informação linear (sensorial) ou não-local (extra-sensorial).

A mente poderá, eventualmente, comunicar-se com o cérebro de forma anómala (fenómenos Psi).

### *Registos Traumáticos, Ego e a TIT*

O estado emocional é preponderante na hierarquia do registo de memórias. Uma memória quase sem acompanhamento emocional não irá permanecer muito tempo em registo. A persistência de um acontecimento em memória é directamente proporcional ao nível emocional experimentado. A propósito, Vítor Rodrigues (2003) salienta que as recordações mais nítidas e fáceis de reviver são aquelas que, por exemplo, derivaram de acontecimentos marcantes pelo seu intenso cariz emocional do momento.

Se um registo de memória é acompanhado de um forte pico emocional, a mente a ele se apega. Se traumático, fica-se negativamente condicionado a esse acontecimento no espaço e tempo. Momentos como este ficam retidos no inconsciente. Gerou-se um óbice! Devido à forte interferência emocional corre-se o risco de, ao serem gerados novos registos de memória, a mente permanecer no passado presa àquela memória condicionando ou impedindo uma posterior e saudável vivência. Fica-se cativo de um acontecimento no passado. Assim, questões emocionais negativas não resolvidas ficam aprisionadas no inconsciente causando entraves, distorcendo o processamento cerebral.

A comunicabilidade, o fluxo entre mente e cérebro é afectado pelo poder desviante daquela. Como uma névoa que ofusca

pensamentos, a lucidez é afectada. Percepção e realidade permanecem distorcidas, bem como fica comprometido o processo evolutivo devido à influência negativa que o inconsciente exerce sobre a mente. Seymour Boorstein (2003) refere a propósito que quaisquer energias associadas a defesas narcísicas e/ou neuróticas não se encontram disponíveis para serem utilizadas espiritualmente. Dado a elevação espiritual ser um processo que requer uma determinada quantidade de energia psíquica, se esta estiver a ser desviada e consumida naquele âmbito, o inerente desgaste não irá permitir uma eficaz prática espiritual.

A disponibilidade mental para a abertura e entrega espirituais é fundamental neste processo. Assim, resolver a situação eliminando este tipo de bloqueio evolutivo, significa superar a primeira etapa de um percurso de verdadeira libertação individual que irá prosseguir rumo a uma espiritualização. Fazem parte, o despertar psíquico da consciência e o desencadear de um processo de integração utilizando a inteligência espiritual. O ponto de partida é a terapia de regressão: a imersão e a “viagem” pelo inconsciente utilizando EMC, como é praticado em psicoterapia transpessoal. No entanto, nos casos em que sejam detectados desvios de personalidade, em que houve dissociação do ego devido à sua deficiente estruturação é necessário, à priori, trabalhá-lo igualmente em processo interactivo sob EMC, de forma a eliminar a existência de prováveis “sombras” (comportamentos reprimidos por escusa egóica). Trata-se de reestruturar o ego, integrando-o no “self pessoal” como etapa no dinâmico “processo de individuação” (Jung). Tal como confirma Pedro Veiguiha (2003), psicólogo, ao afirmar que desde logo

é necessário que o “pessoal” esteja equilibrado; pretende-se um ego bem estruturado de modo a não interferir negativamente quando em dimensão transpessoal. Veiguinha faz notar também que não é o ego em si que é necessário transcender ou abandonar, mas o conceito ou a representação que temos dele. É a experiência interna que temos dele que necessita de atenção.

De facto, em EMC durante uma vivência regressiva, pode ser necessário focalizar a atenção no trabalho com a representação que se tem do ego, antes de explorar o inconsciente profundo procurando resolver conteúdos traumáticos e tentando um posterior contacto Psi ou transpessoal. Reiterando: é relevante a forma como o ego actua e a imagem que dele se tem. Um ego pouco estruturado tem tendência para se camuflar e fugir a situações sociais potencialmente embaraçosas. Tendo uma atitude defensiva, tenta adaptar-se, criando uma máscara social que mais se adequa à situação de forma a tirar vantagem. Este ego assume a identidade virtual “persona” (Jung) que mais lhe convém no momento. Já não faz parte integrante de uma pessoa mas dissociou-se dela, formando um conjunto conveniente de “personas” para as diversas ocasiões. Geram-se dissociações temporárias de personalidade para a representação específica de cada papel social. Todo este processo devido a comportamentos não assumidos, evitando o confronto emocional, procurando aceitação e, se possível, protagonismo sem olhar a meios. Todo este jogo de auto-violentação psicológica (desvio egóico) tem como base a formação da “sombra” (Jung), constituída por cedência egóica resultando em recalcamientos – comportamento achado “necessário” por este ego para atingir certos objectivos. De

notar que, se alguma daquelas criações virtuais de personalidade é integrada, gera-se uma subpersonalidade e a sua vivência é psicopatológica. De facto Gilda Moura (2003), psicóloga, referindo-se a este problema menciona que quando uma “persona” assume completamente a consciência, esta poder-se-á constituir numa subpersonalidade e até em múltipla personalidade se a dissociação for mais profunda. Quanto à formação da “sombra” diz resultar de qualquer aspecto do ego que, percebido como ameaçador, pode ser reprimido. Assim é gerado um falso ego ou “persona” como produto da “sombra”. Moura refere ainda que “persona” é uma máscara social que a pessoa usa para ser aceite, não constituindo, à priori, forçosamente um quadro patológico.

Dada esta situação, é compreensível que por vezes a mente se encontre dividida entre a sua vontade e a influência contrária de um ego como este, pouco estruturado. Um ego bem estruturado serve os objectivos e a vontade da mente e uma mente saudável, sem bloqueios, fica aberta à transcendência, a um estado de consciência cósmica (P. Weil); a um possível contacto com o “self transpessoal”.

Ego estruturado não significa forte, mas reorientado. Se estruturado, está funcionalmente alinhado com a mente, propiciando a sua livre manifestação. Neste sentido, V. Saldanha (1997) refere-se à exibição de máscaras como expressão clara do domínio do ego. Quanto mais poderoso se torna, mais se multiplicam, ampliam e intensificam as “persona” que, sustentadas por um impulso do inconsciente inferior, distanciam o ego cada vez mais da sua essência.

Reconhecê-lo, identificá-lo, entender a sua actuação, para o reestruturar e integrar, orientando-o. Enfim: experimentá-lo, viven-

ciando-o para o conhecer e, assim, poder trabalhá-lo para o reintegrar, transmutando-o. Ego: a primeira etapa no percurso do auto-conhecimento. É por este processo, utilizando a terapia de regressão, que actua, relativamente à reestruturação e reintegração do ego, o método psicoterapêutico interactivo desenvolvido por V. Saldanha (1997), denominado de Terapia Integrativa Transpessoal (TIT).

A ideia pejorativa que muitas escolas místicas têm a respeito do conceito de ego deve-se à sua deficiente estruturação (potencial gerador de “sombra”) – uma ameaça no processo evolutivo, negligenciando a sua principal função: a conexão da consciência com a tridimensionalidade; precisamente uma invenção da consciência para ter acesso a um mundo holográficamente concreto. Como refere V. Rodrigues (2003), relativamente ao ego, uma auto-concepção de um “eu” que lida num universo espacial e temporal bem definido, no caso, tridimensional.

Ainda a respeito de ego, V. Saldanha (1997) identifica-o como característico de um produto mental, ilusório, encapsulando energia mental, centrado na sua actuação num mundo dual, baseado numa relação de eu e o outro. Pois é! Uma consciência agindo através da sua criação tridimensional (ego) num universo percebido como dual, apesar de mentalmente holográfico, não recorda mais a sua natureza cósmica. A perda de lucidez e ausência de eixo referencial conduz a uma vivência dual e à “fantasia da separatividade” (P. Weil).

Não obstante, o ego é necessário para operacionalizar a vida quotidiana, concretizando a realidade psíquica. Não sendo o todo, ele necessita dissolver-se circunstancialmente de forma a propor-

Edições EcoPsy

cionar, ao indivíduo, a percepção da dimensão holística: a outra realidade que a tudo está conectada (Saldanha, 1997).

“A proposta da psicologia transpessoal é a de permitir que, do homem velho que agoniza e sofre, possa renascer o homem novo, sábio, o homem que consegue vivenciar a unidade cósmica, sentindo que ele é parte dessa unidade, ao mesmo tempo que essa unidade está contida nele, percebendo que sempre há uma interdependência, todas as coisas e seres do Universo. É essa ruptura com a dualidade aparente que permite redimensionar o conceito do ego.” (Saldanha, 1997, p. 45)

Este último, é o primeiro passo do objectivo a atingir pela consciência em seu percurso singular!



### *TIT, TRVC e os Registos Traumáticos*

O âmbito da TIT estende-se para além do trabalho de reestruturação do ego. Tal como a Terapia pela Reestruturação Vivencial e Cognitiva (TRVC), a TIT utiliza igualmente a psicoterapia regressiva para explorar o inconsciente.

De seguida, esta consciência em seu percurso singular, irá submeter-se novamente à terapia de regressão suplantando, agora, o seu derradeiro entrave evolutivo. No entanto, se a formação de sua personalidade tivesse sido bem sucedida, sem desvios, com ego bem estruturado, eventualmente apenas esta fase de pesquisa e limpeza de conteúdos traumáticos seria de considerar, devido à sua acumulação. Significaria que desde muito cedo um processo de questionamento e de auto-análise, com condições parentais e mesológicas favoráveis, teriam situado a consciência em seu aprumo.

A regressão de memória sob EMC visa o resgate de conteúdos do inconsciente. Fazer emergir, trazer ao consciente registos traumáticos (bloqueios evolutivos). Depois de liberta toda a carga emocional inerente ao trauma, a vivência torna-se inofensiva. Agora, pode ser processada e integrada sem condicionamentos. A mente libertou-se do registo inconsciente a que se tinha apegado!

“(...) aquilo que é profundamente inconsciente é profundamente lesivo da saúde mental.” (Resende, 2003, p. 221)

Devido ao desempenho cerebral, EMC propiciam o acesso ao inconsciente. Hickman (1987, citado por Resende M., 2003) refere-se ao uso dos EMC como processo eficaz de aceder profundamente ao conteúdo psíquico não consciente.

Definindo “trauma” como “núcleo de apego”, V. Saldanha (1997) refere-se a acontecimentos do passado latentes no inconsciente. Não conseguindo deles se libertar ou desidentificar, a pessoa vê condicionada a sua relação com o momento presente. No seguimento, menciona a regressão de orientação transpessoal como um trabalho terapêutico que, por utilização de EMC, faculta a desidentificação e transformação de núcleos de apego. Com efeito, em vivência regressiva transpessoal trabalhando com o ego ou com registos traumáticos (núcleos de apego), V. Saldanha propõe um processo de sete etapas para a técnica interactiva: reconhecimento, identificação, desidentificação, transmutação, transformação, elaboração e integração.

M. Resende (2003), optando pela perspectiva da TRVC, define psicoterapia regressiva como um processo terapêutico que procura a vivência da experiência ou acontecimento sob EMC que esteve na origem da perturbação mental do sujeito regredido. Resultante desse contacto, é libertada intensa carga emocional devido a tensões disfuncionais acumuladas (ab-reacção). Esta reacção significa que foi descoberta a origem do problema, permitindo uma imediata reestruturação do sujeito a nível cognitivo, emocional e, posteriormente, comportamental.

Relativamente à forma como são revisitados, em terapia regressiva, os “pontos negros” do inconsciente, M. Resende (2003)

refere que por se entrar em EMC não se recorda apenas o condicionante evento traumático mas ocorre, de facto, uma vivência. São envolvidos aspectos cognitivos e emocionais acompanhados de ab-reacção de intensidade variável. Dethlefsen (1997, citado por Resende M., 2003) refere que, durante a regressão, o sujeito regredido vivência o episódio traumático tal como se ele estivesse a ocorrer em sua actividade diária. Para que assim se verifique, este “núcleo de apego” como registo mental terá de ser constituído por um quadro dinâmico de acontecimentos holográficos acompanhado de elementos cognitivos e emocionais. Um EMC ao dinamizar as frequências do espectro da actividade cerebral provocando uma expansão sensorial, amplia a capacidade perceptiva. Por isso, ao contactar uma memória sob EMC, apesar de virtual (por opção, o que é virtual também pode ser real) ela contém os conteúdos necessários para que a sua experiência seja em tudo semelhante à realidade, ao mito pessoal que cada um experimenta diariamente.

Woolger (1986, citado por Resende M., 2003) refere-se à intensidade da ab-reacção como determinante e indicativo do sucesso da terapia, tanto por acesso a memórias significativas que esgotaram o seu conteúdo emocional associado, como pelo significado que o desgaste emocional tem na evolução positiva do problema.

Considera-se benigno um registo traumático unicamente após a libertação total da sua inerente carga emocional. A ausência definitiva de resposta vivencial do inconsciente (ab-reacção) põe termo a um processo dinâmico de desgaste emocional (catarse). Por isso, perante um mesmo quadro traumático poderá ser eventualmente necessária a reprodução de sessões de psicoterapia regressiva

sob EMC. Sucessivas e reveladoras anamneses (processo psicodinâmico da sessão) que trarão a devida resposta.

Cladder (1986, citado por Resende M., 2003), em seu trabalho psicoterapêutico sob EMC, afirma conduzir a anamnese até à exaustão. Os sujeitos regredidos, ao contactar a situação traumática, são acompanhados em sua vivência até que a repetição do episódio deixe de ter resposta emocional.

Tal como em Terapia Integrativa Transpessoal, a etapa seguinte neste processo de TRVC é a procura do momento integrativo. Uma nova perspectiva adquirida pela vivência regressiva necessita agora de ser integrada como alternativa válida e aplicável à situação de vida actual do sujeito. O novo padrão cognitivo irá sendo processado até resultar em novo mito pessoal: um renovado posicionamento perante os outros e a vida.

No final da sessão de regressão, ainda sob EMC, é tida esta abordagem de procura do “insight” integrativo. O terapeuta pede ao sujeito regredido para iniciar uma análise relacional, tentando estabelecer analogias e diferenças entre os episódios contactados e resolvidos pela catarse com as respectivas abordagens que têm em sua vida actual. É um trabalho interactivo entre terapeuta e paciente, em que este é levado a aperceber-se do quanto as vivências ocorridas durante a sessão revelam padrões cognitivos, comportamentais e emotivos subjacentes à causa que até agora afectava o seu presente (Resende, 2003). “Após todas as revivências, no final da sessão, o terapeuta ajuda o paciente a relacionar as cenas vividas com os factos e sentimentos da sua experiência quotidiana.” (Caballo, 1997; Wambach, 1978 citados por Resende, 2003, p. 229)

De seguida, e ainda antes do termo da sessão, o terapeuta deve tranquilizar o paciente com o propósito de o desidentificar com as situações por ele vivenciadas dizendo-lhe que não mais vai sentir a influência dos episódios por que passou durante a regressão, pois eles ficaram lá no passado. E explicando a razão disso pelo processo de catarse, levá-lo a compreender que já é livre para reformular, redecidir e reorientar toda a sua actual vida, começando a adquirir algum controle sobre ela (Resende, 2003).

Também antes de terminar a sessão, ainda com o paciente sob EMC, Simões e Peres (citados por Resende M., 2003) consideram como relevante o trabalho do terapeuta pedindo ao paciente para formular um “script”, uma frase de redecisão delineando objectivos específicos de mudança; uma frase como redefinição cognitiva programada. No entanto, cabe ao paciente escolher qual o processo a seguir e o tempo necessário para a sua redecisão. Apesar de poder ainda não estar preparado, o terapeuta deve alertar para a importância de uma decisão em curto espaço de tempo; o significado que uma tomada de posição poderá ter, facilitando o despoletar novos horizontes. Coragem e determinação podem ser tarefas agendadas na relação terapeuta-paciente.

Recuando um pouco até ao momento pós catarse, a posterior procura do “insight” integrativo poderá ser dificultada pelo tipo de vivência durante a sessão. Se a incursão pelo inconsciente causou relativo impacto perceptivo, o processo será de integração simples sendo apenas necessário um pequeno ajuste de perceptivo no constructo mental do modelo de realidade até então adoptado (mito pessoal). Porém, se ocorreu um fenómeno Psi espontâneo

durante a anamnese e.g., EFC (Psi-Teta), o paciente perde o seu referencial. O processo de integração é, agora, complexo estando eminente uma reformulação estrutural do seu modelo de realidade. Terapeuta e paciente poderão ser confrontados com um dilema que ambos irão tentar resolver. Apesar de se encontrarem abertos ao desconhecido (ao que ainda não foi percebido), poderão não partilhar do mesmo constructo mental encontrando-se, por isso, em níveis evolutivos de consciência diferenciados. Uma situação difícil mas não impossível de ser ultrapassada. Por sua vez, é impraticável ao paciente tentar estabelecer analogias com algo muito diferente da sua realidade quotidiana.

Uma consciência como esta, que esteja a fazer o seu percurso singular, poder-se-á debater com a mesma dificuldade: ter de integrar a sua eventual experiência Psi.

Independentemente dos métodos e técnicas terapêuticas de regressão utilizadas, o resultado final esperado é o de uma mente liberta, pronta para prosseguir em seu processo de individuação (Jung) elevando-se até à condição de ser numinoso (Jung) ou noético (condição de completude do ser; vivência da unidade integrada na dualidade).

## *A Consciência Quântica e a Energia Escalar*

“A consciência é não local e transcendente” (Newman, citado por Goswami, 1998, p. 112). De facto, algumas concepções físicas da actualidade identificam a consciência pura, transcendental, com o campo quântico universal (Di Biase, 1995). “Através de nós, o universo tenta compreender-se a si mesmo. Somos a consciência cósmica, o próprio universo auto-organizando-se, em um jogo infinito de interações dinâmicas.” (Di Biase, 1995, p. 12). Di Biase refere ainda que a existência de conexões quânticas não-locais, permitindo a comunicação instantânea com todo o Universo, nos coloca a par dos processos da natureza. Nesta linha de raciocínio, Vítor Rodrigues (2003) refere a possibilidade da consciência mudar o seu centro de referência, o núcleo da sua focalização, para além da nossa tridimensionalidade.

Em sua dinâmica, a consciência demonstra a capacidade de manifestar inteligência (Di Biase, 1995). Além disso, a consciência é uma esfera de possibilidade estruturada por campos. Estes apresentam estrutura, adquirindo hábitos e significados próprios. Por isso, continua Rupert Sheldrake (2004), a memória é inerente a esses campos, que designou de “mórficos”. E explica: “Campos mórficos”, porque se auto-organizam, mantendo unidas as suas partes em uma “conexão contínua invisível”. Sheldrake, citado por

Salvatore de Salvo (1992), sugere que todos os sistemas são regulados por campos ordenadores invisíveis, servindo como matriz para a forma e comportamento. A repetição de um comportamento, o seu hábito, provoca “ressonância mórfica”, influenciando essa matriz invisível; o campo morfogenético.

A ressonância mórfica confere uma espécie de memória contida nos campos mórficos (Sheldrake, 2004).

A intencionalidade colocada numa acção, e.g. orar, pode gerar uma ressonância que se propaga, difundindo-se através do campo morfogenético. Sheldrake (2004) sugere que a intenção pode ter um efeito à distância. Refere também que a mente e os seus efeitos se estendem no espaço através da percepção, da intenção e do pensamento. Citando Di Biase (1995): “o pensamento pode modificar a intensidade da ‘função de onda quântica’ que é uma onda capaz de viajar mais rápido do que a luz.” (p. 23). Refere ainda Sheldrake (2004) que cada tipo de campo mórfico possui uma memória que foi propagada por ressonância mórfica, através do espaço e tempo. Apesar dos campos serem locais e confinados em redor do sistema, sistemas semelhantes têm influência não-local conferindo memória colectiva a um grupo, através de ressonância mórfica. Ou, como refere Salvo (1992), ressonância escalar. Apenas como nota, a ressonância escalar é constituída por um conjunto de ondas estacionárias gerando um campo escalar ou morfogenético, em que o fluxo entre os núcleos atómicos é facilitado, podendo haver troca de informação e/ou de massa fora do âmbito temporal. Salvo refere que, pelo facto de esta interacção não interferir com as nuvens electrónicas dos respectivos átomos, ela não é de cariz elec-



tromagnético. Este é o âmbito de estudo da energia escalar (assunto abordado de seguida).

A consciência, um sistema não-linear dinâmico tal como o cérebro, forma um campo holográfico inteligente auto-organizador, auto-suficiente, auto-referente e, segundo Di Biase, holoinformacional. Somos sistemas interactivos ressonantes e harmónicos, interagindo com o universo holográfico, com a totalidade também auto-organizadora indivisível. Tudo isto, considerando a teoria holonómica do funcionamento cerebral de Pribram, a teoria quântico-holográfica do universo de Bohm e a contribuição de Laszlo sobre o vácuo quântico (campo escalar). Acrescentando Laszlo que o campo de onda escalar ou electrogravitacional (cinco dimensões), actua como um meio holográfico, registando e conservando a transformação de onda escalar da configuração dos espaços 3n-dimensionais assumidos pela matéria, no espaço (Di Biase, 2004). Di Biase acrescenta ainda que esta abordagem fornece bases para se entender a informação como o princípio unificador capaz de conectar a consciência ao universo. Além disso, aquela permite uma maior aproximação para a compreensão de fenómenos e teorias relacionadas com a consciência que, até ao momento, não foram passíveis de explicação ou compreensão: campos morfogenéticos e ressonância mórfica, sincronicidade, telepatia (Psi-Gama), EFC (Psi-Teta), entre outros no âmbito da parapsicologia.

Para melhor entender o acima exposto, pela sua emergência, torna-se inevitável entrar no âmbito da energia escalar ou electrogravitação. Conceito não aceite pela física ortodoxa, foi descoberto pelo cientista Nicolas Tesla no início do século XX.

Salvatore de Salvo (1992), engenheiro, refere que a energia escalar representa uma extensão, uma ampliação do electromagnetismo abrangendo a gravitação na procura de uma teoria de gravitação unificada. Salvo, afirma ser possível, num espaço ou extensão escalar, um campo electromagnético resultar num campo gravitacional e vice-versa. E acrescenta que para as teorias vigentes ou para a Física ortodoxa, esta mudança do electromagnetismo para a gravitação, que pode ser controlada, monitorizada, é considerada impossível. Este espaço ou extensão escalar a que se refere Salvo, onde se processam estas transformações, tem a designação de vácuo quântico. Ervin Laszlo (1999) refere-se a ele como um vasto campo energético que não é nem electromagnético nem gravitacional, nem ainda nuclear em sua natureza. Considera-o como a fonte geradora destas forças e campos conhecidos. De facto assim acontece, pois o vácuo quântico é constituído por ondas estacionárias ou escalares. Tal como indica Salvo (1992), também conhecidas por ondas de Tesla, ondas electrogravitacionais, ondas electromagnéticas (EM) longitudinais, ondas de potencial puro ou de vector soma zero. Salvo refere que este tipo de onda pode ser construída considerando duas frequências simples individuais sinusoidais, com a mesma frequência, deslocando-se na mesma direcção, mas sobrepostas com defasagem de  $180^\circ$ . São ondas estacionárias ou de vector soma zero porque as forças dos campos eléctrico e magnético anulam-se. No entanto, existe um potencial virtual para gerar esses campos, permanecendo em condição estacionária. Michelson (citado por Laszlo, 1999) refere-se às energias do vácuo quântico como energias de ponto zero, pois elas aparecem nesta condição

de energia zero. O campo que as sustenta denomina-se de campo ponto zero. Poponin, citado também por Laszlo, refere-se às ondas escalares produzindo holopadrões que estruturam as partículas virtuais do gás do vácuo (cargas eléctricas “fantasma” desprovidas de massa), criando um campo que interage com o movimento dos quanta e.g., electrões, prótões e com os sistemas de macroescala compostos de quanta.

Segundo Salvo (1992), a onda escalar de potencial electro-magnético ou onda escalar EM ao se expandir, irá gerar stress no vácuo, um stress espaço-temporal que, devido à característica da onda sinusoidal é, em cada meio ciclo, alternadamente compressivo e tensional. Esta tensão provoca um efeito gravitacional na onda, apelidada agora de onda EM “longitudinal” pois estende-se infinitamente. Refere Salvo que qualquer mudança na tensão do vácuo estende-se até ao infinito e a sua magnitude só lá é anulada. Em consequência da expansão da onda, a sua grandeza é alterada simultaneamente sempre em fase, gerando uma variação na densidade do vácuo local, em que a tensão aumenta ou diminui de um lugar para outro, momento a momento. Se a esta onda se acoplar massa, ela será geradora de forças observáveis. Salvo faz notar ainda que uma onda gravítica provoca alterações no espaço e no tempo, ou seja, provocando a sua curvatura. Segundo o efeito Aharonov-Bohm, mesmo em presença de um campo de força nulo, os potenciais podem estar presentes, existindo e produzindo efeitos reais em sistemas físicos (Salvo, 1992).

“Todos os biosistemas produzem ondas escalares” (Salvo, 1992, p. 71). As ondas escalares passam através da nuvem electró-

nica de um átomo interagindo com o seu núcleo, o que resulta na absorção da onda, incorporando o seu modelo polarizado dentro do fluxo virtual do núcleo, resultando numa fraca excitação deste. De seguida, esta pequena excitação induzida decai prontamente pela emissão de outra onda escalar de retorno que se irá propagar, depois de ter novamente passado o escudo electrónico. Assim, as ondas escalares são absorvidas e emitidas pelos núcleos dos átomos, não interferindo com a carga eléctrica do electrão, afirma Salvo.

Refere Sabetti (1991) que, no universo, tudo vibra. Segundo as leis da energia vital, são as diferentes frequências vibratórias que desenvolvem as diferentes formas, movendo-se da vibração de muito curto comprimento de onda das partículas subatómicas ou quanta, para os movimentos mais lentos da matéria física e de novo para as vibrações aceleradas que estão além da forma material: as frequências energéticas ditam a existência da forma. Quando a frequência energética se torna mais lenta adquirindo maior comprimento de onda, cria-se a matéria; quando aquela vibra intensamente, a matéria se converte em onda de energia. A matéria é criada e dissolvida por uma flutuação de processos energéticos. Sabetti menciona ainda que, na categoria geral das formas os seres humanos, cada um de nós possui uma frequência energética única que nos diferencia de todos os demais. Ela é a “impressão digital”, a assinatura de nosso espírito. Possuímos uma polaridade básica inerente a todas as formas (um dos preceitos das leis da energia vital). Por isso Sabetti (1993), refere-se ao corpo humano como um campo de energia criado por ondas constantes (referindo-se a ondas estacionárias).

Assim, sendo o ser humano um biosistema dotado de consciência, mente e cérebro, não só é produto de ondas escalares ou estacionárias como também as emite podendo, segundo o efeito Aharonov-Bohm, produzir efeitos reais em sistemas físicos (Fenómenos Psi). De que forma? Salvo (1992) explica o processo de “zipagem” ou captura por partículas em rotação (spin): as energias do vácuo quântico são virtuais e totalmente não integradas ou não estruturadas. Terá de existir algum tipo de aprisionador ou “ziper” para que as partículas virtuais possam ser capturadas (zipadas), transformando-as em energias macroscópicas observáveis. De facto, qualquer partícula dotada de massa e com movimento rotatório (spin) serve o propósito. Então, ter-se-á energia observável todas as vezes que for possível reunir as energias do vácuo capturadas (zipadas) e integradas por uma partícula observável dotada de spin. Assim, os campos EM virtuais do vácuo permanecem não “zipados” até que partículas com rotação (spin) interfiram.

Como foi referido, na criação de energia observável, o processo de “zipagem” gera variação de tensão no vácuo, causando efeito gravitacional. De acordo, Laszlo (1999), refere-se à interacção das partículas virtuais do vácuo quântico (cargas eléctricas desprovidas de massa) com o campo electromagnético (EM), constituído por fótons (partículas com spin), gerando massa. Acrescenta que, deste modo, matéria é efectivamente criada e verifica-se que massa é a solidificação da energia. Em consequência deste processo, é gerada gravidade.

Recordando o que acima foi referido sobre consciência: um sistema não-linear dinâmico, formando um campo holográfico in-

teligente e auto-organizador; Amoroso (2004), refere-se a ela permeando os átomos (acção de onda escalar), sendo ela o poder mais profundo do que a gravitação que controla o universo, causadora da gravitação e do fluxo do qual surge a vida. Gravitação, esta, causada pelo movimento do espírito (“zipagem” no vácuo quântico). O espírito resulta, assim, em energia observável! “Tudo que é virtual pode, em condições oportunas, tornar-se perceptível aos nossos órgãos dos sentidos” (Salvo, 1992, p. 169). Então, porque não considerar também o corpo astral bioplásmico integrado no espectro de luz visível? Segundo Salvo, o corpo astral é constituído por partículas carregadas de energia observável (iões, electrões livres e protões livres) que juntas se movimentam formando “acúmulos” (biocampo). De facto, Salvo confirma ser possível o corpo astral tornar-se visível desde que os fluxos de partículas virtuais do vácuo quântico sejam acoplados e integrados com cargas observáveis, tais como electrões, protões e iões (partículas integrantes de campos EM). Salvo refere ainda que, rigorosamente, os campos de força EM nada mais são que os respectivos campos virtuais do vácuo quântico acoplados com cargas de partículas observáveis.

Salvo diz ser preciso admitir que o corpo astral seja um conjunto de potenciais artificiais “zipando” ou captando, por vezes, energias do vácuo quântico para que seja observável. Dado a energia do corpo astral poder movimentar-se no campo escalar, para ele não existem obstáculos físicos, afirma. Assim, cada vez que pretende fazer a sua aparição, o corpo astral “zipa” as energias do vácuo quântico, adquirindo ligeira gravidade devido ao stress induzido, surgindo envolto por um biocampo EM luminescente.

Para Salvo, o que permanece incógnito a respeito do corpo astral não é mais o tipo de energia envolvida, mas a entidade que programa a “zipagem”, a sua mobilização. Salvo interroga-se sobre “o mecanismo” através do qual é retirada energia do vácuo quântico, estruturada em ondas escalares, enviada à distância, interferindo no lugar desejado para ser “zipada” por partículas observáveis e reunindo-as para formar o corpo “vivente” (astral). Salvo refere-se a essa entidade como inteligente, questionando-se sobre o tipo e o grau de inteligência que o opera e governa.

Dado o centro da consciência ter a capacidade de se transferir para o corpo astral, como já referenciado por Bruce (1999), parece ser ela a adquirir o controlo sobre o seu comportamento. Por isso, não surpreende que Salvo se refira ao corpo astral não só podendo ser materializado, mas também por actuação inteligente, ter a capacidade de operar racionalmente, de agir intencionalmente. Parece ser a consciência que, ao “zipar” o vácuo quântico, transforma a energia EM escalar do corpo astral (energia EM em potencial), em energia EM efectiva, logo observável. “A projecção do corpo astral é a consequência de uma bem orquestrada série de potenciais artificiais que, no lugar de destino, conseguem acoplar-se a partículas observáveis para estruturar um corpo que se move, fala e opera.” (Salvo, 1992, p. 178). A consciência surge mais uma vez em destaque pelos seus atributos inteligíveis de actuação não local. A propósito, Salvo alude ao ser humano vivendo pelo menos em duas dimensões distintas possuindo, em cada uma delas, um corpo com o qual é capaz de operar. No plano físico, o corpo humano está sujeito às leis físicas e pertence a um espaço-tempo tridimensional. No

plano mais subtil, que pode ser chamado de astral, claramente um universo paralelo de natureza essencialmente energética, o Homem possui um “corpo astral” cujas características não se enquadram nas leis da Física e para o qual não existem distâncias nem tempo.

Laszlo (1999) refere-se às energias do vácuo quântico produzindo as interligações universais entre espaço e tempo, gerando o holocampo pela interação de eventos e elementos da natureza no espaço e tempo. Refere ainda que o holocampo interrelaciona quantas, organismos, cérebros e culturas inteiras. Assim, pelo facto de o holocampo também transportar informações extra-sensoriais abrangendo fenómenos psíquicos talvez, por isso, sirva para os explicar.

Referindo-se ao holocampo, Laszlo faz notar que provavelmente não será gravitacional, electromagnético ou nuclear, mas um quinto estado no universo.

Reiterando, Laszlo refere-se novamente ao vácuo quântico estando repleto de energia interagindo com o conteúdo da matéria do universo e também com os organismos vivos, colocando a possibilidade de ele poder igualmente interagir com o nosso cérebro e mente. Continuando, Laszlo identifica neste caso, a existência de uma subestrutura do vácuo quântico rica em informações: o campo Psi. A propósito refere que, no domínio da mente e da consciência, o campo Psi cria uma comunicação espontânea entre os cérebros humanos e entre estes e o ambiente dos organismos que têm cérebros, originando-se provavelmente um fenómeno Psi do tipo Psi-Gama (telepatia, clarividência ou pré-cognição).

O campo Psi tem paralelo com o potencial EM artificial referenciado por Salvo (1992): a existência de uma subestrutura, do fluxo



das partículas virtuais do vácuo quântico que aparecem e desaparecem ao acaso, com função determinística, observável, penetrando-a e ordenando-a. Salvo, refere que tais potenciais artificiais “envelopando” (encapsulando) subestruturas preconcebidas pelo Homem tornam possível a actuação a grandes distâncias. Se for transmitido um potencial EM artificial, pode-se fazer emergir energia como se não existisse espaço entre o emissor e a zona de interferência distante. Salvo faz notar que o potencial artificial (campo Psi) é constituído por ondas escalares que se deslocam fora do tempo produzindo fenómenos Psi-Gama (telepatia ou clarividência), como em cima foi referido. No seguimento desta visão e a propósito de telepatia, Vítor Rodrigues (2003) refere:

“Quanto aos fenómenos telepáticos, talvez dependam de um ‘acerto’ especial entre os comunicantes que seja gerado por uma comunicação inconsciente ao nível tetradimensional, acerto esse que somente geraria resultados conscientes se e quando os cérebros conseguissem ‘espelhá-lo’ – o que nem sempre ocorre. Isto poderia explicar o facto, salientado, por exemplo, por Nestler [28] e Bertrand [29] de que a comunicação telepática parece insensível ao tempo e à distância, ao contrário das ondas electromagnéticas em geral: a telepatia seria, uma vez mais, um fenómeno da quarta dimensão...” (p. 186)

Salvo, depois de citar Dolgoff, admite que este lhe permite explicar o processo telepático: ondas conscientes emitidas por duas pessoas unindo-se em uma única onda no domínio da alta frequên-

Edições Eco

cia escalar, sem tempo nem espaço. Depois da transformação e descodificação holográfica, aparece como um único pensamento que ocorre nas mentes de ambas as pessoas.

Salvo, a propósito da mecânica quântica, afirma que esta exige que qualquer estrutura de um objecto no espaço-tempo tenha a sua réplica no estado virtual. Assim, em qualquer lugar do universo onde alguma “coisa” tivesse estado presente, continuará a ter a sua estrutura, seu “fantasma” replicado ou plasmado numa estrutura etérica. Assim confirma Laszlo (1999), ao afirmar que as partículas que fazem o mundo observado estão no holocampo fazendo parte integrante dele. Em conformidade Poponin, referenciado por Laszlo, refere que as partículas elementares de nosso universo material podem ser vistas como configurações particulares das energias residindo no vácuo quântico. Não surpreende pois que Laszlo se refira a árvores, mesas, pedras e pássaros como ondas estacionárias ou escalares neste meio de energia contínuo e afirme que o mundo físico é o reflexo das vibrações energéticas de mundos mais subtis.

Salvo, a propósito, considerando a mente como uma realidade energética (“coisa” segundo Bohm) capaz de produzir “estruturas fantasma” no fluxo virtual do vácuo quântico, acha ser possível que pensamentos se materializem. Para ele, pensamentos são campos de potencial artificial que modificam o stress do vácuo e que, por provocarem distorção no espaço-tempo, viajam fora do seu âmbito. Deste modo, considera ficar explicada a interacção de seres humanos à distância. Salvo, refere-se ainda à mente humana capaz de criar, originar potenciais artificiais (campos Psi) e sustentá-los durante a transmissão à distância.

## *Sincronicidade e os Fenómenos Psi*

Com o seu ego estruturado e o inconsciente livre de bloqueios, sem “âncoras” ou apegos traumáticos, a consciência encontra-se preparada para continuar em seu processo evolutivo ou de individuação (Jung), retomando o seu percurso singular.

Di Biase (2004) salienta que, como consciências, não nos devemos sentir observadores externos a ela, pois essa perspectiva nos faz perder a noção, o sentido da unidade: Somos um com o todo e não uma parte dele. Por isso, afirma Di Biase, estamos conectados ao universo e à totalidade do espaço e do tempo. Parece ser esta a base, juntamente com a abordagem anterior sobre a energia escalar ou estacionária e o campo Psi, para se entender o fenômeno que Jung denominou de sincronicidade. Neste sentido e tal como já foi referido anteriormente, Di Biase menciona que com Pribram, Bohm e com a contribuição de Laszlo, é facultada uma melhor compreensão de manifestações relacionadas com a consciência, nomeadamente a respeito do fenômeno da sincronicidade.

De modo observável e para os mais atentos, sincronicidade manifesta-se como uma coincidência significativa: a ocorrência de dois eventos que não possui relação espaço-tempo causal estando, no entanto, relacionados devido ao significado intrínseco que lhes foi atribuído (Di Biase, 1998). Como refere Carminda Proença

(2003): “(...) o significado irrompe na sincronicidade, num cenário acausal, como uma ordem final, uma finalidade.” (p. 39). Proença salienta ainda, a propósito de sincronicidade, que esta deve ser perspectivada como uma relação acausal significativa e, do ponto de vista de Jung, ela é expressão de uma orientação do Self, reveladora de um sentido evolutivo.

Segundo Ira Progoff (1989), a essência da sincronicidade deve ser reconhecida no facto de ela conter um princípio de organização que ocorre no universo, independentemente das conexões causais e dos limites de espaço e tempo.

Para Boorstein (2003) sincronicidade é uma manifestação exterior da unidade interdependente de todas as coisas e esta interligação parece transcender o espaço e o tempo. A propósito, independentemente da questão da energia escalar e da formação do campo Psi, Vítor Rodrigues (2003) admite a hipótese de existirem ‘formas tetradimensionais’ com possibilidade de se sobreporem, em qualquer momento e sem conexão causal espaço-temporal, às formas tridimensionais. Continua, considerando admissível que elas exerçam um efeito atractivo direccionado sobre os fenómenos tridimensionais. No caso da precognição, é de considerar ser uma variante de acesso à consciência tetradimensional revelando ao indivíduo a natureza do campo de força ou actuação desta, susceptível de ‘padronizar’ os fenómenos tridimensionais gerando sincronicidades entre eles, independentemente das distâncias.

Di Biase (1998) refere que as ocorrências sincronísticas mostram a existência de subtis conexões entre todos nós e todos os seres vivos e entre nós e o universo. Salienta ainda que a sincronicidade

nos alerta para o facto de sermos parte integrante de algo muito maior do que a nossa individualidade, provocando-nos uma sensação de unidade com a natureza e conferindo um sentido transcendental às nossas vidas. Associando várias coincidências significativas, percebe-se existir uma inteligência auto-organizadora que está por detrás de tudo, sendo sujeitos de uma “trama universal”. O fenómeno da sincronicidade faz-nos compreender, através da vivência pessoal, que habitamos um universo inteligente que nos orienta, ampara, protege e auxilia sempre que efectivamente necessitamos.

Nesta fase, em seu processo de individuação, a confrontação sistemática com um meio ambiente normótico (P. Weil) não serve mais os objectivos desta consciência em seu percurso singular. Ela precisa agora de se auto-descobrir, de perceber o seu propósito de vida. Há que encontrar o meio, as pessoas certas para que, com elas, os seus objectivos sejam alcançados.

A postura esperada desta consciência é de abertura a novas fronteiras, situar-se em novo paradigma. Uma atitude como esta não é exclusiva da juventude, mas de quem se recusa a responder afirmativamente a sacrifícios em nome de expectativas de retorno estritamente material. Ela intui que o caminho a seguir é o do auto-conhecimento. Rodrigues (2003) define intuição como faculdade cognoscitiva possibilitando o acesso directo à verdade e à realidade das coisas sem o auxílio da razão.

Mantendo a consciência esta orientação, ela irá provavelmente atravessar um período turbulento, sendo de esperar um desencadear sequencial de acontecimentos sincronísticos, podendo incluir alguns fenómenos Psi. Assim refere Proença (2003), ao salientar

que as sincronicidades acontecem frequentemente na sequência de fases difíceis de latência germinativa. Quanto à possibilidade de ocorrências paranormais (fenómenos Psi), Proença salienta que pouco ou nada têm a ver com o processo de individuação, ou seja, com o percurso da consciência rumo ao seu encontro numinoso (Jung). No entanto, por vezes, uma ocorrência paranormal do tipo telepatia, clarividência ou premonição pode estar relacionada com o referido processo, alertando a pessoa para uma relação acausal entre acontecimentos intra psíquicos e acontecimentos exteriores, resultando numa experiência numinosa com profundo significado para aquela pessoa do ponto de vista de seu sentido de vida, da sua evolução. Neste caso, esta seria uma experiência genuína de sincronicidade. Novaes (2005) salienta que ter uma experiência numinosa representa sentir-se intimamente integrado com o universo. Sendo ela de cariz espontâneo, surgindo de forma inesperada, provoca um estado de êxtase transcendente. A pessoa sente-se intemporal, permanecendo por alguns momentos numa intensa alegria e felicidade indescritíveis. Novaes conclui citando que, em geral, as experiências numinosas ocorrem quando a pessoa se encontra numa intensa busca por algo que se relacione com o divino. Criadas as condições e.g., em EMC, é de considerar, igualmente, a possibilidade da ocorrência de um evento paranormal do tipo Psi-Teta (EFC) como evento sincronístico, fazendo parte do processo de individuação. A respeito de EMC, Rodrigues (2003) refere haver a existência de uma relação entre EMC e fenómenos Psi. No mesmo sentido, Krippner (1986, citado por Rodrigues, 2003) refere que a ocorrência de EMC é frequentemente acompanhada de fenómenos

paranormais. Proença salienta ainda que eventos de sincronicidade podem não ser paranormais e afirma não o serem em sua maioria.

Se o fenómeno da sincronicidade só encontra a sua completa dimensão quando enquadrado no contexto do processo de individuação (Proença, 2003), então é de admitir que, num percurso espiritual de auto-conhecimento, de auto-descoberta, se obtenha especial orientação e específico amparo tetradimensional, que tão necessário é para a compreensão do percurso até à condição de ser numinoso ou noético. Proença refere que uma das causas da 'activação' da sincronicidade tem a ver com uma vertente pessoal que decorre da respectiva necessidade evolutiva do processo de individuação, naquele momento. A outra vertente deverá estar relacionada com a tetradimensionalidade como admite Rodrigues (2003), que remete o quadro explicativo da sincronicidade para as leis da quarta dimensão. Neste contexto, poderão surgir eventos significativos de forma sequencial e inesperada e/ou pequenos sinais (detalhes muitas vezes ignorados ou não percebidos), manifestando-se de forma repetitiva. Há que estar atento a estes acontecimentos que alertam, balizando, em tempo útil, o rumo noético ou numinoso. Estes marcos relevantes são como pista de aviação iluminada! A propósito, Di Biase (1998) salienta que há determinados momentos em nossas vidas em que uma atitude receptiva e intuitiva é a mais apropriada e benéfica. Esses momentos devem estar reservados no caso das coincidências significativas (sincronicidade). Para compreender as mensagens não-verbais que o universo nos envia, há que ter uma postura receptiva, colocando-se a si mesmo a seguinte questão: O que o universo me poderá estar a querer dizer com este

acontecimento? A resposta poderá ser imediata através de um “insight” ou demorar alguns dias para aparecer em sua mente, provavelmente de forma imprevisível. O importante é que ela surgirá e com ela revelar-se-á o caminho benéfico que lhe está sendo indicado. Di Biase refere que é preciso estar alerta, atento no dia-a-dia, para que possamos entender as mensagens não-verbais que o universo nos envia a todo o momento, por meio dos eventos sincronísticos. De facto, acrescenta Di Biase, se houver a noção de que fazemos parte integrante de um universo vivo, sistémico, auto-organizador, inteligente, não é difícil de o percebermos comunicando-se com a nossa consciência, conspirando incansavelmente a nosso favor.

Ainda a respeito de sincronicidade, Proença (2003) refere-se ao seu carácter esporádico, criativo, imprevisível e único. Um fenómeno pleno de intenção, de sentido e de significado. A interpretação do fenómeno sincronístico, do seu significado, depende do nível evolutivo da consciência que o experimenta ou, como refere Proença, do seu estado de consciência (grau de lucidez cósmico).

Na tentativa de captar o significado de eventos sincronísticos, incluindo em seu rol a possível ocorrência de fenómenos Psi, procurando decifrá-los para posteriormente os integrar, a utilização da inteligência espiritual é estimulada. A inteligência espiritual surge como um “utensílio” cerebral de que a consciência em seu percurso singular se irá servir, para avançar em seu processo de individualização.



### *Utilizando a Inteligência Espiritual*

Através do cérebro e da mente, a consciência consegue aperceber-se, respectivamente, do significado e do sentido dos eventos sincronísticos, sejam eles ou não de natureza Psi, manifestando-se através de sinais ou de acontecimentos sequencialmente significativos. O uso da inteligência espiritual parece ser a resposta, a forma eficaz para integrar o fenómeno da sincronicidade.

Referindo-se aos oito tipos de inteligências: linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cenestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalística, apontadas por Armstrong e Gardner como inerentes a todo ser humano, Rodrigues (2006) admite a existência de um nono – a inteligência espiritual. Zohar (2004), no entanto, referindo-se a H. Gardner e aos tipos de inteligência apontados pelo autor no seu livro “Multiple Intelligences”, incluindo a musical, a espacial, a desportiva, bem como a emocional e a racional, considera que todas as inteligências que este descreve são, na verdade, variações das inteligências intelectual ou racional, emocional e espiritual e da respectiva combinação neural associada. Zohar considera ainda que todas as nossas possivelmente inúmeras inteligências poderão estar associadas a um dos três sistemas básicos de organização neural do cérebro, responsáveis pelo surgimento destes três tipos de inteligência.

Segundo Zohar, são as conexões neurais no cérebro que geram a nossa inteligência. Através da experiência com o meio envolvente, o cérebro estabelece novas ligações neurais. Quanto mais rica e variada for essa experiência, maior e mais complexo é o labirinto de ligações neurais que se forma, promovendo a expansão da inteligência e o conseqüente desenvolvimento de novas capacidades, conferindo maior aptidão.

Com o objectivo de destrinçar os três diferentes modelos base de inteligência, Zohar refere-se ao tipo de organização neural no cérebro. Assim, o tipo de organização neural que nos permite realizar o pensamento racional, lógico, ligado a regras, indica o uso da inteligência intelectual ou racional. Um outro tipo que nos permite realizar o pensamento associativo, ligado aos hábitos, emotivo e reconhecendo padrões, significa estarmos a lidar com a inteligência emocional. O terceiro tipo possibilita sermos criativos, intuitivos, possuidores de um pensamento que constrói regras e as quebra. Neste modelo, existe uma dinâmica do pensamento em que o pensamento anterior é transposto, renovado por outro posterior. Neste caso estaremos a usar a inteligência espiritual.

Zohar (citada por Naiditch, 2001) refere-se à existência deste terceiro tipo de inteligência que aumenta os horizontes das pessoas, torna-as mais criativas e manifesta-se pela necessidade de se encontrar um significado para a vida. Neste âmbito, a tentativa de interpretação de eventos sincronísticos sugere estar de acordo com esta postura, podendo adquirir particular destaque!

Questionada por Naiditch (2001) sobre o elevado grau de inteligência espiritual, Zohar salienta que quem o possui, é capaz de

usar a espiritualidade para ter uma vida mais rica e cheia de sentido, adequado senso de finalidade e orientação pessoais. Espiritualidade é expressão de uma consciência não-dual, uma consciência que participa no todo, que na essência é amor e, na prática, solidariedade (Capra, citado por Crema, 1998).

Zohar (2004) salienta que, com a inteligência espiritual, podemos inferir sobre se determinado rumo de acção ou percurso de vida tem mais sentido que outro alternativo.

Zohar refere que os seres humanos são essencialmente criaturas espirituais, porque têm necessidade de se interrogarem sobre o significado da vida e seu enquadramento. Afirmamos sermos conduzidos por um desejo especificamente humano de encontrar sentido e valor naquilo que fazemos e sentimos. Procuramos ver as nossas vidas num contexto maior e com mais sentido. Ansiamos por algo que nos leve para lá de nós mesmos e do momento presente, por algo que nos conceda a nós e às nossas acções a sensação de valer a pena. Como refere Zohar, na entrevista conduzida por Naiditch (2001), a inteligência espiritual está ligada à necessidade humana de ter propósito na vida. Também aqui, a utilização da inteligência espiritual rumo ao encontro de uma linha de vida com propósito, com um sentido espiritual, pode passar pelo desvendar do enigma da sincronicidade.

Em poucas palavras, Zohar refere que a inteligência espiritual permite aos seres humanos serem criativos, mudar as regras e alterar situações. É precisamente este seu poder transformador que a distingue da inteligência emocional. Enquanto esta me permite avaliar a situação em que eu me encontro e depois agir de acordo com ela,

dentro dos seus limites (Goleman, citado por Zohar, 2004), a inteligência espiritual permite-me perguntar se quero estar nessa particular situação, possibilitando-me trabalhar com os seus limites (Zohar, 2004). É esta sua capacidade para reenquadrar ou recontextualizar a nossa experiência que modifica a percepção, transformando a nossa original compreensão desta, refere Zohar. A utilização da inteligência espiritual possibilita a dialéctica do pensamento, conferindo novas perspectivas, modificando percepções, transformando realidades. Como salienta Zohar (2004): “Sempre que olhamos de forma diferente para o mundo vemos objectos num novo relacionamento uns com os outros e com o seu meio” (p. 80)

Numa base quotidiana, a utilização da inteligência espiritual, através da capacidade que ela nos faculta de recontextualizar, reenquadrando novas percepções, sugere a possibilidade de integração de eventuais novas realidades. Parece ser de considerar igualmente que, pela utilização da inteligência espiritual, seja possível a compreensão e o enquadramento de EMC bem como o acesso a outros níveis evolutivos de consciência (assuntos abordados nesta obra). Zohar faz notar que, as variações mais complexas dos processos neurais implicados pelo uso da inteligência espiritual alteram o sentido e a essência existencial de nossas vidas.

Zohar (citada por Naiditch, 2001) identificou dez qualidades comuns às pessoas espiritualmente inteligentes: praticam e estimulam o auto-conhecimento profundo; são impulsionadas por valores – são idealistas; têm capacidade de encarar e utilizar a seu favor a adversidade; são holísticas; pautam-se pela diversidade; têm independência; perguntam sempre “por quê?”; têm a capacidade de co-

locar as coisas num contexto mais abrangente; têm espontaneidade; têm compaixão. Depois de conhecer as dez qualidades comuns às pessoas espiritualmente inteligentes há que procurar desenvolvê-las, acrescenta Zohar. Para o efeito, Zohar (citada por Naiditch, 2001), defende que é necessário promover mais o auto questionamento, tentar averiguar sobre o porquê das coisas e procurar descobrir as conexões entre acontecimentos, trazendo à superfície as considerações que vamos tecendo a respeito deles; há que nos tornarmos mais reflexivos. Ser corajoso, assumir responsabilidades e ser honesto connosco mesmos. Precisamos também de conhecer o nosso posicionamento para aferir sobre as nossas motivações. Necessitamos de identificar e eliminar obstáculos. Depois de examinar as numerosas possibilidades, há que procurar comprometermo-nos com um caminho, estando cientes de que os caminhos são muitos. De notar que a consciência em seu percurso singular, deveria ter adoptado sempre esta postura durante a sua jornada de vida evitando, provavelmente, muitos dos obstáculos com que teve de se confrontar. No entanto, ela encontra-se agora preparada para se comprometer espiritualmente em seu caminho, em seu percurso singular, utilizando a inteligência espiritual como meio para se auto-descobrir e procurar desvendar o seu sentido de vida.



### *Um Novo Sentido de Vida. O Mensageiro, a Mensagem e o Serviço*

Bohm, citado por Di Biase (1995), refere que para compreendermos a inteligência, a sua actuação, teremos de entender os processos de atribuição de significado, pois toda a natureza está organizada de forma significativa. Di Biase (1995) prossegue, sugerindo que o significado último da Humanidade poderia consistir em experimentar todos os estados de mente associados a essa fascinante aventura da consciência, em participarmos como actores e parceiros inteligentes no grande “jogo cósmico”. Será que Deus (Absoluto Divino) aprende connosco através de nossa vivência terrena? Grof, citado por Di Biase (1995), refere-se a uma mente universal ou consciência cósmica como a força criadora por detrás do Plano Cósmico, salientando que todos os fenómenos que vivenciamos podem ser compreendidos como experiências com a consciência, realizadas pela mente universal num jogo criador infinitamente engenhoso. Por isso, não admira que Di Biase (1995) refira que: “Através de nós, o universo tenta compreender-se a si mesmo” (p. 12). No entanto, o inverso também parece verificar-se! Ocorrências inesperadas e marcantes como as de sincronicidade ou fenómenos Psi, analisadas à luz da inteligência espiritual, podem alterar o sentido e a essência existencial de nossas vidas, como já anteriormente referido por Zohar (2004). Este tipo de

experiências podem resultar em vivências transpessoais. Pelo re-enquadramento de novas percepções e pelo inerente significado transformador da vivência, poderá emergir um novo sentido de vida, uma nova forma de a perceber. É o que acontece com uma consciência iluminada, depois de um processo de transformação interior que envolveu contacto cósmico ou numinoso. Porém, como refere Veiguinha (2006), o trabalho de transformação, de mutação e de evolução só estará concluído com a transcendência da dualidade, reunindo as polaridades (céu/terra; luz/trevas; conhecimento/ignorância) num 'centro' harmonioso que liga o ser que recebeu essa luz à energia cósmica. De acordo, Sabetti (1991) refere-se aos seres iluminados, salientando que a luz experimentada no nível superior é trazida para o inferior e que, estando eles aqui connosco, ainda permanecem na outra realidade. De facto, acrescenta Sabetti, esses seres não sentem a separação entre o aqui e o lá. Pela vivência cósmica, é-lhes mostrado o sentido espiritual das coisas, da vida, ou seja, na opinião de Di Biase (1998), o sentimento de estarem unidos ao cosmos e com ele interagir. Este é um atributo do ser noético! Como refere Veiguinha (2006), um ser que depois de reunificar os opostos, as polaridades, deixou de viver tanto na dualidade como na unidade. Ele integra, simultaneamente, unidade e dualidade.

Validando a causa do ser noético, Grof (2004), sugere uma integração eficaz dos contactos tidos com a unidade cósmica, resultantes da união momentânea com o divino. Trazer essa sua luz, a mensagem espiritual de volta transformando a nossa estadia aqui, para que consigamos o melhor de ambos os mundos.



Existem mensageiros com mensagem e em Serviço! Roberto Crema (1998):

“[...] Sinto-me feliz por estar sendo um operário, há mais de dez anos, da UNIPAZ, que é um verdadeiro canteiro de obras, para a edificação de um novo paradigma, onde lutamos com muita dificuldade e já desenvolvemos programas que foram enviados para o mundo inteiro: Japão, Europa, Índia, Canadá, EUA... Nós falamos na tridimensionalidade de uma ecologia interior, a ecologia social e a ecologia ambiental. Há que trabalhar com uma visão de ecologia profunda e denunciar a existência dessa repressão perversa do espírito, da essência, com conseqüências que se manifestam através de doenças a nível pessoal, a nível social e a nível ambiental. Gosto de confiar que o ser humano vai ser descoberto no Século XXI (...)” (p. 9)

Como novo sentido de vida, Weiss (2001) acrescenta que temos de dar as mãos uns aos outros, para aliviar o sofrimento e ajudar a percorrer o caminho de cada um. É preciso sentir empatia e compaixão. É fundamental ajudar a curar o planeta, os seus habitantes e as suas estruturas. Temos de ensinar e também temos de aprender. Refere Weiss que este é o motivo porque aqui estamos na Terra: Para aprendermos a alcançar outros seres humanos, nossos companheiros, com amor e compaixão, sem nos preocuparmos com o que possamos obter em troca. No seguimento e a propósito, Di Biase (1998), cita Hermann Hess, escritor alemão e Prémio Nobel de Literatura: “Toda a entrega desinteressada, ainda que míni-

ma, toda a participação, todo o amor, nos faz ricos, enquanto que todo o empenho pela posse e pelo poder nos rouba forças e nos torna mais pobres” (p. 112)

Nem o poder, nem a posse, nem o saber, fazem o homem feliz. Só o amor o consegue. Toda a entrega, toda a renúncia feita por amor, toda a dedicação operosa, toda a devoção aos outros é, em muitos meios sociais, adjectivada como perda ou atitude inútil. No entanto, é o que nos valoriza e engrandece (Biase, 1998).

Grof (2004) refere que, se acreditarmos completamente que somos exclusivamente ‘egos encapsulados pela pele’ indo da concepção até à morte, então haverá sofrimento e dor envolvidos. Daí ser importante complementar esta vida, esta existência quotidiana com algum tipo de auto-exploração sistemática, adquirindo lucidez dessas outras dimensões, de nossa verdadeira identidade cósmica.

Goswami (2004) salienta que, para muitos, a função da consciência é inexistente; a sua própria manifestação é posta em causa. Goswami refere-se a estas pessoas vivendo como “zombies” estando, no entanto, contentes assim. Limitados pela exclusiva perspectiva egóica, eles apenas existem. Crema (1998) refere-se ao conceito de existência como a simples manifestação de vida; aquilo que passa. A função da consciência, acrescenta Goswami, é trazer-nos a totalidade para que possamos usufruir da separação. Conceito que um materialista não pode compreender e, por isso, não o aceita. Ele não sabe o que está a perder! Refere Goswami que, se estivermos a gostar do “jogo da separação”, o prazer se torna incomensurável. A Humanidade está a perder tudo isto. Weiss (2001) salienta que a grande maioria das pessoas não tem a noção da sua natureza espiritual, agem

como se fossem meros objectos físicos. De facto, afirma, constitui um sério problema, ser tão difícil às pessoas recordarem-se que são almas, que não são apenas corpos físicos. Distraem-se constantemente com as ilusões e os enganos deste planeta tridimensional.

Weiss (2001) refere que, quando as pessoas passam por experiências espirituais intensas, a energia do amor divino é invariavelmente mencionada. Esta forma de Amor é incondicional, absoluta e transcendente. O amor é aquilo que liga e une todas as coisas, todas as pessoas. O amor é mais que um objectivo, é mais que uma força. Nós somos Amor; ele é a nossa natureza. O Amor é a nossa energia espiritual! O Amor em acção é o Serviço. No entanto, Peck (1978, citado por Simões, 2003) faz notar que:

‘se o teu objectivo é evitar a dor e escapar ao sofrimento, eu não recomendaria que procurasses níveis elevados de consciência ou evolução espiritual. Em primeiro lugar porque não os consegues sem sofrimento e, em segundo lugar, quando os consegues, então serás chamado a servir, em modos mais penosos, ou pelo menos mais exigentes para ti, que aqueles que podes imaginar.’ (pp. 15-16)

Um posicionamento com estes contornos parece pertencer a uma consciência imatura, com ego pouco consolidado, interessada em alcançar resultados imediatos e que, agindo irreflectidamente, não se dedica por não estar verdadeiramente interessada, à causa espiritual com o necessário cuidado e empenho. Postura equivalente terá, provavelmente, um psiconauta ou noonauta sedento do seu momento cósmico.

Segundo Walsh (1996, citado por Rodrigues, 2003), a maturidade psicológica está associada a uma maior orientação para o serviço. Assim parece ser confirmado, pela atitude espiritual revelada na questão colocada pelo psiquiatra Boorstein (2003): Como é que posso ajudar da forma mais amorosa possível? Boorstein refere ser este o estado de consciência que procura manter quando trabalha com pacientes, quando ensina e escreve, realizando as suas acções do modo mais terno e cooperante que é capaz. Realça o facto de acreditar que os momentos de reverência transpessoal, transpondo os limites do nosso drama egóico, nos permitem reconhecer claramente o grande desafio que a vida é para todos os seres humanos e responder aos outros com grande compaixão. Boorstein, um mensageiro digno da sua mensagem!

Agora, a consciência em seu percurso singular, irá procurar partilhar a sua experiência com outras consciências para que possam também ter o seu percurso singular, acreditando que um dia surgirá a ciência da consciência ou noocência.

## *Conclusão*

Esta abordagem, personificando uma consciência com um percurso singular, permitiu delinear um possível rumo evolutivo, com as suas diferentes etapas necessárias a este processo de transformação espiritual, objectivando despertar consciências adormecidas, mergulhadas no esquecimento delas próprias, distantes de sua natureza cósmica.

A sequência dos títulos ao longo do texto esteve de acordo com o objectivo do progresso espiritual, tipificado por uma consciência em seu percurso evolutivo. A questão colocada sobre se viver ou sobreviver; uma perspectiva sobre a síndrome da normalidade; foram depois abordados, detalhadamente, vários aspectos sobre a natureza da consciência e da sua manifestação; a relação entre o seu nível evolutivo, limite perceptivo e construção da sua realidade. Como consciência, cérebro e mente se relacionam. Também foi abordado o processo de libertação da consciência, reencontrando o seu eixo, através da reestruturação do ego e resolvendo os seus entraves evolutivos ou traumas. O seu comportamento quântico e a utilização do campo de energia escalar, procurou esclarecer muitos dos fenómenos Psi. No seguimento, foi colocada a hipótese de comunicação tetra/tridimensional: sincronicidade e fenomenologia Psi. A utilização da inteligência espiritual surgiu de seguida, para o

entendimento e integração de todo este processo de individuação. Terminado este processo, a consciência em seu percurso evolutivo, perspectivou um novo sentido de vida que se poderá traduzir, de futuro, nalgum tipo de ajuda humanitária ou Serviço.

Esta obra poderá ser considerada um itinerário para quem pretenda descobrir-se espiritualmente através de um percurso de auto-conhecimento, de auto-descoberta espiritual; um guia para consciências que optem pelo seu processo evolutivo.

Este desenvolvimento temático poderá ser encarado como expressão, talvez desvaio, de um ex-guerreiro medieval que, esperando pelo momento certo, trocou a honra da sua espada pela causa transpessoal. Uma transposição vivencial do arquétipo transversal do guerreiro (mito pessoal), em prol dos valores espirituais a todos inerentes, mas infelizmente adormecidos.

Salienta Viana (2006), que todos nós de maneira consciente ou inconsciente vivemos em função da nossa própria mitologia. Novaes (2005) acrescenta que o mito pessoal é uma representação do momento evolutivo de cada um.

O mito pessoal é um modelo de realidade adoptado, servindo temporariamente a vivência de um dogma individual. Como referem Feinstein & Krippner (1988, citados por Viana, 2006):

“(...) Os mitos não são lendas ou falsidades, mas modelos através dos quais os seres humanos codificam e organizam as suas percepções, sentimentos, pensamentos e atitudes. Portanto, a mitologia pessoal de cada um de nós origina-se dos fundamentos do nosso ser, sendo também resultante da cultura na qual vivemos.

Portanto, todos nós criamos mitos baseados em fontes de informações que se encontram dentro e fora de nós mesmos e vivemos de acordo com esses mitos.” (p. 1)

Todos nós vivemos os nossos mitos pessoais, porém eles serão valiosos se ao serviço da Humanidade, do Planeta.

**Edições Ecopy**





## *Referências Bibliográficas*

Amoroso, R. (2004). “Consciência, uma definição radical: o dualismo da substância soluciona o Hard Problem”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 27-49). Petrópolis: Vozes.

Boorstein, S. (2003). “Sincronicidade e Psicoterapia Transpessoal”. In Simões, M., Resende, M. & Gonçalves, S. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 273-293). Lisboa: Lidel.

Bruce, R. (1999). Astral Dynamics. Charlottesville: Hampton Roads Publishing.

Correia, G. (2003). “Síndrome de Fisiokundalini”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 56-64). Lisboa: Lidel.

Crema, R. (1998). Liderança no Século XXI: impactos da passagem do milénio. Palestra proferida no Centro Cultural da Câmara dos Deputados [versão electrónica], Brasília, Brasil.

Di Biase, F. (1995). O Homem Holístico. Petrópolis: Vozes.

Di Biase, F. & Rocha, M. (1998). Caminhos da Cura. Petrópolis: Vozes.

Di Biase, F. (2004). “Informação, Auto-Organização e Consciência”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 247-268). Petrópolis: Vozes.

Ferreira, I. (2003). “Um Olhar Transpessoal sobre o Coma”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 65-71). Lisboa: Lidel.

Goswami, A. (1998). “Para uma Ciência baseada na Consciência”. In Núcleo de Psicologia Transpessoal da AEFPU (Cols.). A Vivência do Sagrado (pp. 103-149). Lisboa: Hugin.

Goswami, A. (1998). O Universo Autoconsciente. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Goswami, A. (2000). The Visionary Window. Wheaton: Quest Books.

Goswami, A. (2001). Physics of the Soul. Charlottesville: Hampton Roads Publishing.

Goswami, A. (2004). “A Ciência na Consciência: um novo paralelismo quântico-psicofísico”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 101-113). Petrópolis: Vozes.

Goswami, A. (2004). “A Ciência e o Primado da Consciência”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 271-296). Petrópolis: Vozes.

Grof, S. (2004). “A Ciência e o Primado da Consciência”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 271-296). Petrópolis: Vozes.

Karagulla, S. & Kunz D. (2003). Os Chakras e os Campos de Energia Humanos. São Paulo: Pensamento.

Laszlo, E. (1999). Conexão Cósmica. Petrópolis: Vozes.

Machado, J. (2006). Psicossíntese-Roberto Assagioli. Retirado em 3 de Maio de 2006, de <http://www.jaimegrace.com/robertoassagioli.htm>

Moura, G. (2003). “Evolução e Expansão da Consciência: uma nova abordagem transpessoal na pesquisa de experiências extraordinárias”. In Simões, M. et al. (cols.). Psicologia da Consciência (pp. 117-132). Lisboa: Lidel.

Naiditch, S. (2001). Deus e Negócios. Revista Exame. Retirado em 22 de Maio de 2006, de [http://www.inclusao.com.br/projeto\\_textos\\_46.htm](http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_46.htm)

Novaes, A. (2005). Mito Pessoal e Destino Humano. [versão electrónica], Salvador: Fundação Lar Harmonia.

Parker, C. (2005). O que Fazer depois de Morrer. Lisboa: Estrela Polar.

Proença, C. (2003). “Sincronicidade e Individuação em Jung”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 27-43). Lisboa: Lidel.

Progoff, I. (1989). Jung, Sincronicidade e o Destino Humano. São Paulo: Cultrix.

Edições Ecopy

Rebillot, P. (2001). “A Jornada do Herói: A Ritualização do Mistério”. In Grof, S. & Grof, C. (Orgs.). Emergência Espiritual (pp. 225-238). São Paulo: Cultrix.

Resende, M. (2003). “Quatro Etapas nas Terapias de Orientação Regressiva: indução, vivência, ab-reacção e reestruturação”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 217-232). Lisboa: Lidel.

Rodrigues, V. (2003). “A Consciência como Esfera de Luz Tetradiimensional – proposta de um modelo teórico”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 174-191). Lisboa: Lidel.

Rodrigues, V. (2003). “Ética e Psicoterapia Transpessoal”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 192-205). Lisboa: Lidel.

Rodrigues, V. (2006). “Educação da Consciência”. Documento de apoio ao curso de Pós-Graduação em Psicologia da Consciência na Universidade Autónoma de Lisboa. Não publicado, Lisboa.

Sabetti, S. (1991). O Princípio da Totalidade. São Paulo: Summus.

Sabetti, S. (1993). Ondas de Transformação. São Paulo: Summus.

Saldanha, V. (1997). A Psicoterapia Transpessoal. São Paulo: Komedi.

Saldanha, V. (2003). “Renascimento em Transpessoal e a Memória Pré e Perinatal”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 133-154). Lisboa: Lidel.

Salvo, S. (1992). A Sinfonia da Energética. São Paulo: Schimidt.

Sheldrake, R. (2004). “A Mente Ampliada”. In Di Biase, F. & Amoroso, R. (Orgs.). A Revolução da Consciência (pp. 159-195). Petrópolis: Vozes.

Simões, M. (2003). “A Experiência Mística: o ponto de vista do psiquiatra”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 3-13). Lisboa: Lidel.

Simões, M. (2003). “Evolução e Crises Espirituais”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 14-26). Lisboa: Lidel.

Skolimowski, H. (2005). “Sight and Perception”. In Arntz, W., Chasse, B., Vincente, M. What the Bleep do we Know!?. Florida: Health Communications, inc.

Veiguinha, P. (2003). “Ser um Psicoterapeuta de Orientação Transpessoal”. In Simões, M. et al. (Cols.). Psicologia da Consciência (pp. 246-270). Lisboa: Lidel.

Veiguinha, P. (2006). “Consciência, uma Definição e Quatro Enunciados”. Documento de apoio ao curso de Pós-Graduação em Psicologia da Consciência na Universidade Autónoma de Lisboa. Não publicado, Lisboa.

Viana, F. (2006). Mito Pessoal: Construindo a Nossa Própria História. Retirado em 24 de Julho de 2006, de [http://www.infonet.com.br/fernandoviana/ler.asp?id=43606&titulo=Fernando\\_Viana](http://www.infonet.com.br/fernandoviana/ler.asp?id=43606&titulo=Fernando_Viana)

Vieira, W. (1995). “Introdução à Projeciologia”. Documento de apoio ao curso P1. Não publicado, Instituto Internacional de Projeciologia, Lisboa.

Vieira, W. (1996). Nossa Evolução. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia.

Weiss, B. (2001). A Divina Sabedoria dos Mestres. Cascais: Pergaminho.

Weiss, B. (2005). Muitos Corpos, Uma Só Alma. Cascais: Pergaminho.

Zohar, D. & Marshall, I. (2004). Inteligência Espiritual. Lisboa: Sinais de Fogo.

## *Índice Onomástico*

- AMOROSO, Richard 62, 89, 90, 93  
BOORSTEIN, Seymour 44, 68, 84, 89  
BRUCE, Robert 29, 63, 89  
CORREIA, Gláucia 29, 89  
CREMA, Roberto 21, 22, 25, 75, 81, 82, 89  
DI BIASE, Francisco 23, 24, 28, 33, 34, 39, 40, 55, 56, 57, 67, 68, 71, 72,  
79, 80, 81, 89, 90, 93  
FERREIRA, Irene 37, 38, 90  
GOSWAMI, Amit 23, 33, 38, 39, 40, 41, 55, 82, 90  
GROF, Stanislav 79, 80, 82, 90, 92  
KARAGULLA, Shafica 29, 91  
LASZLO, Ervin 57, 58, 59, 61, 64, 66, 67, 91  
MACHADO, Jaime 21, 91  
MOURA, Gilda 46, 91  
NAIDITCH, Suzana 74, 75, 76, 77, 91  
NOVAES, Adenáuer 70, 86, 91  
PARKER, Craig H. 31, 91  
PROENÇA, Carminda 67, 68, 69, 70, 71, 72, 91  
PROGOFF, Ira 68, 91  
REBILLOT, Paul 18, 92  
RESENDE, Mário 49, 50, 51, 52, 53, 89, 92  
RODRIGUES, Vítor 3, 5, 7, 14, 31, 40, 43, 47, 55, 65, 68, 69, 70, 71, 73,  
84, 92  
SABETTI, Stéphane 21, 27, 28, 29, 32, 33, 60, 80, 92  
SALDANHA, Vera 17, 23, 27, 46, 47, 48, 50, 92  
SALVO, Salvatore 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 93  
SHELDRAKE, Rupert 41, 55, 56, 93  
SIMÕES, Mário 33, 37, 53, 83, 89, 90, 91, 92, 93  
SKOLIMOWSKI, Henryk 34, 93  
VEIGUINHA, Pedro 34, 38, 44, 45, 80, 93  
VIANA, Fernando 86, 93  
VIEIRA, Waldo 22, 29, 94  
WEISS, Brian 18, 27, 81, 82, 83, 94  
ZOHAR, Danah 41, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 94

EDIÇÕES  
COPY  
0049PRO08  
SET2007  
MUNKEN  
1 2 0 A M  
1 6 C 1 2 E  
BRISTOL400  
2 0 \* 1 4